

535287  
SECA de QUEIROZ



BAMALHO ORTIÇÃO

ASTARBA

S. Ph.  
A. M. 4

helic

EÇA DE QUEIROZ—RAMALHO ORTIGÃO

AS FARPAS

*Chronica Mensal*

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

QUARTA SERIE

N.º 1

JUNHO A JULHO

1882



LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA—EDITORIA

140—RUA DOS CORREIROS—1.º

1882

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição de poder, da escravidão dos partidos da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

## SUMMARIO

---

A patria portugueza e os quatro milhões d'egoismos de que ella consta—Presente estado das ideias—A religião—A politica—A moral—A arte—Sentido historico do centenario de Camões, sua influencia e seus resultados—Dois annos depois—A celebração do centenario do Marquez de Pombal considerada como symptoma psychologico—Do estadista em geral e do Marquez em particular—Addusem-se razões e testemunhos insuspeitos para o fim de provar que o estadista é um agente secundario entre os acceleradores do progresso, e que o Marquez de Pombal é um individuo secundario na classe dos estadistas—Buckle, Guizot, Bastiat, Begehot, Herbert Spencer, Wechniakoff, Auguste Comte, Michel Chevalier, e outros—Demonstra-se que o Marquez de Pombal exprime a negação de tudo aquillo que a liberdade afirma e que a democracia proclama—Coerção da agricultura, coerção da industria, coerção do commercio, coerção dos direitos civis, coerção do pensamento—Arruamento geral de todas as actividades nacionaes pelo systema quadrangular da reedificação da Baixa.—Secularisação do jesuitismo na pessoa do mesmo Marquez—A estatua de Sebastião e o monumento do Terreiro do Paço—Parallelo do cavallo e do cavalleiro—Pede-se o esquecimento para um e uma charrua para o outro.



A SOCIEDADE portugueza n'este derradeiro quartirão do seculo pode em rigor definir-se do seguinte modo: — Ajuntamento fortuito de quatro milhões d'egoismos explorando-se mutuamente e aborrecendo-se em commum.

Chamar patria á porção de territorio em que uma tal aggregação se encontra seria abusar reprehensivelmente do direito que cada um tem de ser metaphorico. O espaço circumscripto pelo cordão aduaneiro, dentro do qual sujeitos acompanhados das suas chapelleiras e dos seus embrulhos ou tomaram já assento ou furam aos cotovelões uns pelo meio dos outros para arranjar logar nas bancadas, pode-se chamar um *omnibus* — e é exactamente o que é — mas não se pode chamar uma patria. A patria não é o sitio em que nos colloca o acaso do nascimento,

á mão direita ou á mão esquerda de um guarda da alfandega, mas sim o conjunto humano a que nos liga solidariamente a convicção de um pensamento e de um destino commum.

Já um sabio o disse: *Ubi veritas ibi patria*. A patria não é o solo, é a ideia.

\*

\* \*

Para que haja uma patria portugueza é preciso que exista uma ideia portugueza, vinculo da cohesão intellectual e da cohesão moral que constitue a nacionalidade de um povo.

Sabem dizer-nos se viram para ahi esta ideia? . . .

Nós temol-a procurado de aventura em aventura, de jornada em jornada, n'uma peregrinação de vinte annos atravez d'esta sociedade, como Ulysses, vagabundo atravez da Odyssea, em busca do fumosinho tenue e amigo que adeje no horisonte por cima da primeira cabana d'Ithaca.

As manifestações culminantes da mentalidade collectiva de um povo são: a Religião, a Politica, a Moral, a Arte. Vejamos rapida-

mente se em alguma d'estas espheras da nossa elaboração mental se revela a unidade de pensamento por meio da qual se affirma a existencia de uma nação.

\*

\* \*

Em religião os cidadãos portuguezes dividem-se em uma infinidade de categorias diversas.

Temos em primeiro logar os livres pensadores, que nunca pensaram, coisa alguma sobre este ponto, apesar da liberdade com que se dotaram para esse fim.

Temos depois os indifferentes, que se subdividem pelos diversos graus de medo que têm ao Incognoscivel sempre que ha epidemias ou tremores de terra.

Seguem-se os deistas, que acceitam Deus como entidade abstracta pela qual se explica a ordem do cosmos, no qual Deus figura como maquinista, e egualmente se explicam as justicas da historia, nas quaes o mesmo Deus se manifesta sob a forma de dedo, — o bem conhecido *dedo de Deus*.

Veem depois os christãos, e por ultimo os

catholicos. Estes separam-se uns dos outros por tantas diferenças de opiniões quantos são os individuos agremiados na Igreja. Ha os que crêem na infalibilidade do papa e os que não crêem em tal infalibilidade; os que vão á missa e os que não vão á missa; os que se confessam de tudo, os que se não confessam senão de certas coisas, e os que de todo em todo se não confessam.

Uns encabeçam a divindade no Senhor dos Passos da Graça e, com as suas opas roxas e suas cabelleiras anediadas pela bandolina do culto no bairro oriental, olham com despeito para os devotos afrancesados de Nossa Senhora de La Salette, divindade de chic suspeito ás devoções da Baixa.

Os escolhidos do alto clero, que se gargarejam em suas tribulações com agua de Nossa Senhora de Lourdes, garantida verdadeiro João Maria Farina, da Gruta, sorriem de desdem pelos que ainda cuidam expurgar-se do peccado e clarificar-se para a protecção divina com a velha agua benta de mendigo de porta de Igreja, preparação de Santo Ignacio, hoje desprestigiada e choca.

Aquelles proprios que são por um mesmo e unico santo têm entre si dissidencias acrimoniosas de detalhe.

Nós mesmos vimos ha trez annos, na volta da romagem de Nossa Senhora do Cabo, dois cirios, que vinham já de muito longe a rosnar, engalfinharem-se a final um no outro ao chegar a Cacilhas. Foi uma coisa feroz. Os clerigos cessaram interinamente de tomar pitadas para se desancarem uns aos outros com as tochas e com os cabos das lanternas, desalmadamente. A Senhora, do alto do seu andor pousado no chão, as mãos crusadas no seio, assistia ao debate com uma neutralidade fervorosa e commovedora. As sobrepellizes e as capas d'asperges, que regressavam do arraial enodoadas de vinho, de chapadas de melão e de areia vermelha, desfiavam-se pela fricção das bordoadas; nas cabeças quebradas atavam-se á pressa lenços ecclesiasticos; e no theatro d'esta devoção ficou bastante sangue e muito rapê derramado pelos sacerdotes.

Devemos mencionar ainda os philosophos spiritualistas, que em religião cultivam a *duvida* com o mesmo ardôr de vesania com que alguns hollandezes maniacos cultivaram em tempo a tulipa.

A duvida d'estes philosophos versa sobre os differentes feitios que pode tomar pelo infinito fóra a coisa a que elles, á força de não



saberem o que seja, deram o nome de *eterna essencia*.

Emquanto a gente vae em cada manhã tratar da sua vida, esses individuos vão duvidar na solidão, ou seja nas trevas de um quarto escuro em seus domicilios, ou seja á beira do oceano, chupados e amarellos como cidras, com os olhos esbugalhados para a banda do Bugio. É até onde a ociosidade pode levar meia duzia de vadios sem mais que faser! Tivessem elles em que cuidar e não haveria perigo que a *eterna essencia*, o *incredado*, o *absoluto* e todas as mais queixas de cabeça que os affligem continuassem a remoel-os. Officio para as costas, uma enxó e um formão para as mãos, com a obrigação de ganhar oito tostões por dia para sustentar mulher e filhos, e verão os philosophos como a cruel duvida se lhes desencasqueta que é um gosto, e lhes sae pela cabeça fora para a roupa suja com a primeira camisa que suarem a puxar pelo corpo para ganhar a vida, assim como até aqui teem puxado pelo juizo para dar cabo d'ella.

Em conclusão: ou seja como ponto de controversia, como motivo de briga ou como assumpto de teima, a religião em Portugal é um elemento de desunião, que não só per-

turba as relações sociaes mas destroe tambem muitas vezes a alliança da familia.

\*

\* \*

Passemos á politica.

N'este campo não ha ideia propriamente nacional, — é evidente.

Perdendo a pouco e pouco a consciencia da sua tradição historica, Portugal, politicamente, não tem hoje papel na civilisação. Está desempregado. Figura no congresso das nações europeias como um paiz sem modo de vida. Perante o progresso não tem profissão. A missão que elle desempenhou na Renascença pela obra magnifica dos seus sabios, dos seus navegadores, dos seus commerciantes e dos seus artistas, as excellentes condições da sua situação geographica e a paz interior de que tem gosado emquanto a Hispanha se dilacera a si mesma nas eternas lutas intermittentes de desagregação e de unificação das suas provincias, davam a Portugal o direito e o dever de assumir n'este seculo a preponderancia hegemonica dos estados peninsulares, a direcção espirital da civilisação iberica. Em vez d'isso

Portugal descansa desde o seculo xvi sobre os monumentos immortaes da sua passada energia e acha-se no movimento modernò da raça latina como uma nacionalidade com licença illimitada para tomar ares. Os seus filhos mais intelligentes e mais fortes, uns perseguidos, outros despresados, abandonaram-o aos reis, aos estadistas, aos padres, aos persevejos, às moscas, e foram uns para os Paizes Baixos fundar e enriquecer a Hollanda e botar á luz Spinosa; outros foram para a America Austral fundar, agricultar e enriquecer o Brazil. O resto é o que ahi está ha-dusentos annos sentado ao sol n'uma ponta de banco do mappa-mundi, a cabecear, a coçar os joelhos e a ouvir ranger o calibre á nora da coisa publica, puxada pelo governo, velho boi, d'olhos tapados, afeito ao cerco peguinhado do pôço sem bica, tornando a deitar para baixo a agua que traz para cima, e não sabendo o proprio governo, nem sabendo ninguem por que ninguem se importa com isso, se é já o pau da nora que empurra de traz o animal ou se é ainda o animal que tira para diante o pau da nora.

Os differentes partidos que ha muitos annos se succedem no exercicio do poder teem por chefes dois ou tres individuos, cujas per-

sonalidades, absolutamente destituídas de ideias correlativas ou concomitantes, representam as duas ou trez phases por que successivamente vae passando e repassando em circulo sobre o mesmo carreiro a rotação governativa.

Os personagens alludidos tem as intenções mais puras e mais honestas d'este mundo. Ter outras, deshonestas e impuras, dar-lhes-hia massada, e para ahi é que elles não vão.

Diz-se tambem que são todos mais ou menos fortes n'essa arte, velha e atrasada, que se chama a eloquencia e que tem por objecto desfazer pela exaggeração artificial das palavras a justa proporção das coisas.

São ainda — affirma-se geralmente — habéis parlamentares, o que quer dizer que possuem o talento de dominar as assembleias por meio de transigencias reciprocas e de concessões mutuas, rasoirando os parlamentos pelo nivel de uma mediocridade discreta, tão ócca como esteril.

Por baixo d'essas virtudes, que reconhecemos e veneramos, os homens que ha vinte annos se revezam no governo carecem das ideias geraes de que procede na sciencia o ponto de vista governativo. As assembleias



das duas camaras, revezando-se ora para a direita ora para a esquerda, dão ou retiram a maioria dos votos a cada um d'aquelles senhores, consagrando-se exclusivamente a defendel-os ou a impugnal-os, sem portanto sabirem nunca da orbita dos principios que elles representam, principios a que não correspondem systemas diversos e que se distinguem apenas uns dos outros pelos signaes physiomicos dos estadistas que os teem no ventre, podendo-se dividir assim: principios governativos calvos, principios governativos d'olhos tortos e principios governativos de cabellos tingidos.

N'estes esforços successivos das grandes massas intelligentes da nação vemos dessora-rem-se gerações e gerações consecutivas de deputados, fortes temperamentos alguns, solidos provincianos de boa fé, que de trez em trez annos o parlamento recebe vivos e honrados do interior das provincias para trez annos depois lh'os devolver aniquilados para toda a especie d'iniciativa, corrompidos pelo habito de serem mandados, castrados na dignidade pela disciplina imposta pelos seus chefes, pôdres no character pela fermentação da intriga, indelevelmente marcados para toda a vida, pelo ferrete official, com uma



pelintrice austera e miseravel, na figura, com uma côdea veneranda de solemnidade prud-homesca, estúpida e impenetravel, no cerebro.

É pela mais justa e pela mais completa comprehensão do seu destino social que tanto os individuos como os povos se disciplinam, se fortalecem e se aperfeçoam. Em Portugal a incapacidade governativa produziu, primeiro que tudo, este resultado funesto: fez perder ao paiz a noção historica do seu destino, cortou o fio da tradição nacional, lançando o espirito publico n'uma existencia d'accaso como a das tribus bohemias. Depois o predominio da incompetencia scientifica na direcção dos negocios dissolveu a pouco e pouco a liga que deveria estreitar a convergencia de todas as actividades para um fim commum, e pela separação dos interesses operou a separação das energias.

É assim que em pleno seculo XIX, quando está exhuberantemente demonstrado que todos os factos do universo, assim na ordem physica como na ordem social, se encadeiam uns nos outros por leis imprescriptiveis de contiguidade e de correlação, nós vemos em Portugal exercer-se a acção do poder no estudo dos phenomenos tratando-os isolada-

mente, n'um ponto de vista fetichista, de preto botocudo, como se cada um d'esses phenomenos, regido por uma lei especial e divina, fosse a causa e o effeito de si proprio.

Com mil exemplos se podia comprovar a affirmação que fazemos. Mas basta-nos um qualquer, tirado ao accaso do monte, para pôr essa affirmação em evidencia de facto.

Veja-se como em cada legislatura se propõe e se discute uma das poucas questões graves de que o parlamento ainda se ocupa. Referimo-nos á coisa a que, no calão official em que tem degenerado a lingua patria, se chama — *a questão da fazenda*.

Reunidas as camaras e aberto perante ellas o orçamento do Estado, começa-se invariavelmente por constatar, n'um tremolo elegiaco de symphonia funebre, que continua a existir o deficit. Cada um dos tres governos a quem a corôa alternadamente adjudica a mamadeira do systema encarrega-se de explicar aos tachigraphos essa occorrenciã — aliás desagradavel, cumpre dizel-o — mas de que elle, governo em exercicio, não tem a culpa. A responsabilidade cabe ao governo transacto, bem conhecido pelos seus esbanjamentos e pela sua incuria.

Para cada um d'esses tres governos successivamente encarregados de trazerem o deficit ao regaço da representação nacional, o governo que immediatamente o precedeu n'esse mesmo encargo é o ultimo dos imbecis.

Tal é o conceito formidavel em que cada um dos referidos tres governos tem os outros dois!

A corôa pela sua parte — e é este o mais augusto de todos os seus privilegios — é successivamente da opinião de todos os tres ministerios; e depois de haver retirado, com sincero nojo, a sua confiança aos imbecis do grupo n.º 1, n.º 2 e n.º 3, a corôa torna a restituir a citada confiança, com uma effusão de jubilo tão sincero como o nojo anterior, a cada um dos grupos de imbecis já referidos mas collocados chronologicamente em sentido inverso d'aquelle em que estavam, ou sejam, por sua ordem, os imbecis n.º 3, n.º 2 e n.º 1.

Trocadas as descomposturas preliminares sobre a questão da fazenda, decide-se que é indispensavel, *ainda mais uma vez*, recorrer ao credito, e faz-se um novo emprestimo. No anno seguinte averigua-se por calculos cheios de engenho arithmetico que para

pagar os encargos do empréstimo do anno anterior não ha outro remedio senão recorrer *ainda mais uma vez* ao paiz, e cria-se um novo imposto.

Fazem-se empréstimos para supprir o imposto, criam-se impostos para pagar os juros dos empréstimos, tornam-se a fazer empréstimos para atalhar os desvios do imposto para o pagamento dos juros, e n'este interessante circulo vicioso, mas ingenuo, o deficit — por uma extranha birra, admissivel n'um ser teimoso, mas inexplicavel n'um mero saldo negativo, em uma não existencia, — augmenta sempre atravez das contribuições intermittentes com que se destinam a extinguil-o já o empréstimo contrahido, já o imposto cobrado.

Assim como os alforges dos antigos pobres das feiras e das extinctas ordens mendicantes, o deficit tem dois sacos, um para deante outro para traz, ambos destinados a receber o vacuo. N'um dos sacos mette-se a divida fluctuante, no outro mette-se a divida consolidada. De quando em quando ha um relampago de jubilo, porque parece por um momento que o alforge do deficit está vasio, isto é, que está sem vacuo dentro: é a divida, que se achava em estado de fluctua-



ção no sacco da frente, que passou no estado de consolidação para o sacco de traz.

A alegria fugaz mas intensa que provém da illusão d'esta gigajoga vale o dinheiro que custa, mas custa sempre alguma coisa, porque de todas as vezes que elles mexem na divida, seja para o que fôr, mesmo para a mudar de sacco, ella cresce.

Pela parte que lhe respeita o paiz espera. O quê? O momento em que pela boa razão de não haver mais coisa que se collecte, porque estará collectado tudo, deixe de haver quem empreste por não haver mais quem pague.

No entanto o problema de augmentar a riqueza — unico meio de prover aos encargos — é considerado como absolutamente extranho á *questão da fazenda*. E todavia nem toda a gente ignora que a riqueza não augmenta senão pelo desenvolvimento progressivo do trabalho e que este se acha ligado aos progressos da industria.

Ora emquanto á industria... Mas este novo ponto pode ficar para outra vez. O feliz encyclopedismo das inaptidões do estado proporciona-nos a facilidade de poder cõmprouar a sua incapacidade com um só facto qualquer, demonstrando que no paiz collo-



cado sob o patrocínio de um tal governo, não pode dar-se senão uma especie de coesão politica: — a liga dos governados para o desprezo convicto dos que governam.

\*

\* \*

Na moral estamos como na religião. Cada um tem a sua, feita á fôrma do seu pé como as botas por medida, com a concavidade de uma cupola moldada á protuberancia de cada calo.

Ha em primeiro lugar as duas grandes circumscripções — da moral publica e da moral privada, inteiramente diversas uma da outra. D'ahi a distincção casuistica entre a honestidade politica e a honestidade pessoal. Em virtude d'essa distincção o mesmo individuo pode ser cumulativamente o mais honrado dos cavalheiros e o mais abalisado dos velhacos. Na politica ha carta branca para tudo: para mentir, para intrigar, para calumniar, para trahir, para furtar. No terreno politico o sujeito pode ser refalsado, impostor, venal, infiel, servil, covarde. Todos os vicios e todas as abjecções se aco-

\*

bertam com esta virtude absolutamente la-  
titudinaria — a *fidelidade ao partido*.

Está assentado e decidido para todos os ef-  
feitos que as nodoas da vida publica não dis-  
tingem sobre o character pessoal. O cavalheiro  
que pela manhã leu nos jornaes, ou ouviu nas  
camaras, sem as combater e sem as refutar,  
as ultimas injurias que podem ferir o ho-  
mem no que elle deve ter de mais caro no  
seu character ou no seu coração, na sua fa-  
milia, na sua honra, na sua probidade, no  
seu pudôr, no seu brio, vae á noite jantar  
regosijado e tranquillo na mais santa paz da  
consciencia no aconchego immaculado da fa-  
milia, na estima inalteravel da amisade; e  
com a gravidade austera, convicta e bon-  
dosa, de um patriarcha, estende a mão  
suja das suspeitas mais torpes aos seus  
amigos, que lh'a apertam, e dá a beijar á  
sua filha, risonho e calmo, a face esbofe-  
teada pelas accusações mais vergonhosas.

Um dos principaes caracteriscos da inte-  
gridade moral de uma pessoa está no accordo  
das ideias com as palavras e das palavras  
com as obras. Na intriga constitucional cujo  
vicio congenito é a pusilanimidade e a hy-  
pocrisia, esse accordo é uma chimera. No  
parlamento portuguez ninguem diz inteira-

mente o que pensa, qualquer que seja a questão de que se trate. Os negocios em discussão são debatidos por dois aspectos radicalmente diversos, na sala e nos corredores da camara. Cá fóra diz-se a verdade. Lá dentro faz-se o discurso, o que é uma coisa inteiramente differente e ás vezes opposta. A eloquencia parlamentar é a instituição official da ficção sob a fórma litteraria de nenia, de cançata, de sermão, de estopada ou de descompostura.

A influencia do regimen politico sobre a moralisação geral dos caracteres é profunda e fatal. A escola evolucionista tem demonstrado por meio de razões experimentaes que a faculdade a que geralmente se dá o nome de *consciencia* se fórma pelo desenvolvimento de duas tendencias combinadas posto que aparentemente oppostas: a tendencia egoista e a tendencia *sympathica*. Depois da applicação da fecunda theoria biologica de Darwin ao estudo e á renovação das sciencias sociaes ficou perfectamente estabelecido que a moral, cujo objecto é o equilibrio entre o instincto pessoal da conservação e o instincto social da *sympathia*, tem por base, mais ou menos remota, mais ou menos disfarçada, o interesse.

Nota Spencer que aquelles que sempre tiveram saude são pouco compadecidos com as doenças dos outros. A piedade é a lembrança ou a imagem antecipada de um soffrimento, imagem que, produzida em nós pelo aspecto d'um soffrimento alheio, nos causa uma dôr analoga.

O interesse assim definido é effectivamente a base de todas as moraes. A propria moral do Evangelho o que é senão a mais lucrativa das transacções entre o homem e o infinito?

Em uma sociedade constituida as tendencias sympathicas estão portanto naturalmente em proporção e em harmonia com as tendencias egoistas determinadas pela constituição do meio.

Um governo ignorante, vivendo na trapaça, no favoritismo eleitoral, no compadrio, nas dependencias aviltantes do dinheiro, fazendo carreira aos mediocres humilhados, empecendo o exito no mundo official ás inflexibilidades energicas e secundas, dissolve a moral publica porque, corrompendo os interesses legitimos da comunidade, abastarda correlativamente as sympathias dos individuos.

Um momento depois, como os trez pedagogos comparecessem á real presença, enrolados á pressa nas togas do professorado, de barretes de dormir, com as competentes penas de pato aparadas da vespera e mettidas atraz das orelhas, o rei disse-lhes :

— Esse jumento que ahi está, (e estendendo o seu dedo magnimo, com um largo gesto antigo indicava o principe, vestido de general, de esporas e chapéu armado, que bocejava encostado ao sabre de seus antepassados) esse real jumento ignora completamente os deveres mais rudimentares de um principe para com a sua princeza. E é para isto que eu tenho tido aqui á engorda durante quinze annos tres burros de tres mestres!... Ora muito bem: vou deixar-vos a sós por espaço de cinco minutos com tão repulsivo idiota. Se ao cabo de cinco minutos, contados pelo relógio, elle não estiver ao facto d'aquillo que todo o homem de barbas na cara deve saber para não vir para aqui a estas horas *nanar* n'uma cadeira, decapito-vos a todos trez esta noite como



cação appropriada para fecundar os germens originaes da nossa inspiração artistica, trabalho de que apenas se encontram vestigios na obra de Garrett.

Depois do terramoto, que subverteu muitos monumentos d'arte preciosos para a educação esthetica do povo, a dictadura grosseiramente utilitaria do marquez de Pombal, primeiramente, e o burguezismo liró do regimen constitueional, depois, deram á producção artistica da moderna epoca liberal o caracter pelintra, ao mesmo tempo pretençioso e chato, de padre catita, de jesuita amanuensado, de sargento victorioso, caracter que distingue a arte portugueza de 1830 para cá, e que deu o stylo de banbolina de paninho, de balaustre azul e branco, de festão de murta e d'areia encarnada, a que podemos chamar na historia da decoração — o *stylo furriel dos batalhões da carta*.

Onde está ahi o artista em cuja obra se ache reflectida a influencia do antigo genio portuguez? Onde está o escriptor que se possa considerar o interprete legitimo do gosto, das ideias, das convicções dos sentimentos do publico?

Os escriptores contemporaneos podem-se dividir em quatro grupos. O grupo academico

official, o grupo dos convulsionarios, o grupo dos insubmissos e o grupo dos domesticados.

Os escriptores do primeiro grupo são os velhos caturras coroados pelo laurel das commissões retribuidas, semsaborões emeritos accomodados pelo governo em confortaveis cadeiras de caixa, destinadas a receber para o Estado os fluxos da litteratura classica. Nunca ninguem no vasto publico pôde jamais apreciar a obra d'esses sabios, porque tudo quanto elles desassimilam em fórma de prosa passa em padiolas, circumdadas de respeito, dos prelos das typographias para o gorgulho dos archivos e só depois de se ter gorgulho compenetrado por espaço de muitos annos do teor d'essas producções é que ellas chegam ás casas particulares sob a fórma de involucro de generos alimenticios, como as salchichas, ou de simples aromas culinarios, como o cravo da India e o colorau picante.

Os convulsionarios, que são os mais numerosos, denominam-se republicanos, e julgam-se auctorizados, sob esse estandarte de revolta, para se collocarem em berrata furibunda e em dessidencia enthusiasmada com tudo: com a monarchia, com a religião, com

a grammatica, com os mesarios da freguezia das Chagas, com os verbos, com as hostias, com as luvas, com os breviarios, com a syntaxe, com o imposto, com o Senhor dos Passos, com o dictionario, com o codigo e com o senso commum. Nada escapa á dissencia fundamental d'estes escriptores terriveis. Estão em combate acerrimo com tudo. E com o resto estão em contradicção. São o *cliché* negativo do mesmo estado mental de que o governo é a estampa vista em sentido inverso. São o estado posto de cabeça para baixo a andar nas mãos em vez de andar nos pés. São o conselheiro Arrobas virado pelo avesso, e invertido, com uma concavidade concernente a cada bossa, e com uma protuberancia relativa a cada buraco da sua natureza.

Os insubmissos, desagremiados da massa, são dez ou doze solitarios apenas, que reagem ás correntes do movimento geral por meio d'algumas razões experimentaes postas em verso ou em prosa, e reduzidas a algumas paginas de poema, de romance ou d'istoria.

A honesta sinceridade d'estes escriptores, geralmente confundida com um cynismo de *pose*, com um charlatanismo de

originalidade, é antipathica ao publico, que todavia os lê com uma certa avidéz, impellido pela curiosidade que atrae a multidão gulosa do anormal para os livros d'elles, assim como para as barracas de feira em que se mostram vitellas com duas cabeças, das quaes uma de papelão, e meninas gordas com seis barrigas, todas postizas.

Os domesticados representam o elemento inoffensivo e ameno das lettras a que chamaremos simplesmente *burguezas* para as distinguirmos por uma *nuance* das lettras consagradas, a que chamamos já *officiaes*.

Os escriptores d'esta classe accitam docilmente tudo quanto se acha em vigor no regimen vigente para não terem o incommodo de inventar nem o desgosto de se comprometterem com as familias particulares ou com os poderes publicos por meio de novas exhibiçõe's, aliás inuteis para a marcha regular do intellecto lusitano atravez dos meandros macadamisados da Baixa.

Elles vão para as glórias da posteridade, assim como os gatos para as aventuras de telhado, — pelo cheiro uns dos outros. Quando lhes não fareja outro que tivesse passado primeiro, hesitam em sua marcha, tremem-lhes as pernas, e acocoram.

Têm convicções profundas ácerca de tudo aquillo de que estavam profundamente convencidos os seus maiores, e a sua vocação, irresistivel e indomavel, é para fazer tudo o que já está feito.

Em religião são catholicos apostolicos romanos; em politica são monarchicos liberaes; em philosophia são eceticos da escola do grande Cousin; em litteratura são pelos modelos classicos modificados pelo estro dos grandes mestres pacatos da geração moderna, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, Possydonio da Silva e Brito Aranha; em *toilette* são pelo afamado Keil; em theatro pela grande Emilia das Neves; e em culinaria pela lampreia d'ovos de fio com cidrão.

Teem ás vezes graça, mas sempre fina, de luva branca, propria de cavalheiro culto, com uso de sala, dentro do campo da civilidade e nos limites da carta. Ha nò vocabulario innumeradas palavras, aliás perfeitamente boas e honradas, que elles morreriam mil vezes antes que ousassem escrevel-as. Por exemplo: Com relação ao logar em que a hypocrisia costuma receber os pontapés que o bom senso lhe applica, nenhum d'esses escriptores domesticados diria com simplicidade casta — *o trazeiro*. Porquê? Porque,



pela muita pratica de salão que elles teem, sabem perfeitamente que as «madamas», ao se retirarem fugazes das assembleias tirando por conclusão do emprego d'esse substantivo masculino que o cavalheiro é cynico.

Em compensação ha outros termos — os termos proprios de sociedade, que elles nunca empregam sem os ampliarem por meio de adminiculos decorativos. Quando escrevem *natal*, acrescentam sempre — *do Redemptor*, e para *cabeças* dizem as *louras cabeças*, sempre que ellas sejam de creança; sendo de vitella, ainda que egualmente louras, retiram-lhes o adjectivo para o não se-vandijarem com os contactos incivis do gado vacum.

O publico derrete de justo entusiasmo por estes escriptores mansos, que, á similitude dos elephantes ensinados, estendem a tromba para o regaço das familias, em procura do biscoito caseiro com que a gratidão humana folga sempre de remunerar os carinhos dos pachidermes doces.

Os nomes d'elles nunca se imprimem senão enrabichados a um epitheto obsequioso: o *sympathico*, o *festejado*, o *modesto*, o *cordato*, o *bom*. Apesar do quê, pouca gente os

lé, por que esses bons rapazes de profissão, modestos por modo de vida, para o fim de evitarem o conflicto de opiniões contrarias, embiocam-se frequentemente de mais n'um genero de litteratura abstracta ou de litteratura retrospectiva, que é a mais anodina, a mais sôrna, a mais bestificante coisa por meio da qual um escriptor pode actuar sobre o somno dos seus contemporaneos.

Se são profundas e insanaveis as nossas dissidencias religiosas, e as nossas dissidencias politicas, são ainda mais insanaveis e mais profundas as nossas dissidencias estheticas.

— Estamos tão separados uns dos outros pelas nossas convicções e pelas nossas crenças como estamos separados pelos nossos gostos. Os mesmos artistas, os nossos poetas, os nossos musicos, os nossos pintores detestam-se reciprocamente por odios fignificadas, de folhetim e de escola. Estes odios, mal reprimidos nas conveniencias mutuas da camaradagem, rebentam de momento a momento, periodicamente, em brigas renhedissimas, que são um dos mais decisivos symptomas da decadencia e da dissolução do meio intellectual. Temos d'anno em anno como outras tantas vegetações do charco a

*questão dos poetas, a questão dos jornalistas, a questão dos pintores, a questão dos musicos.*

Quando alguma d'essas questões se faz esperar no tempo dado á sua periodicidade, o burguez em expectativa exclama: — A canalha d'esta vez ainda se não pegou; é que está mais cara a vinhaça!

\*

\*   \*

De cima abaixo, como vêem, — na religião, na politica, na moral, na arte — esphacelamento geral. Por qualquer lado que se lhe pegue, a sociedade portugueza deixa um pedaço na mão que lhe toca. Tudo se desgruda, tudo se esbandalha no aggregado portuguez a que falta a cohesão da ideia portugueza.

N'esta superficie social, inconsistente, mole, despolida, em que nem um só traço nitido adhere, só as nodoas se embebem, alastram e aprofundam como gotas d'oleo n'um papel passento.

No espirito publico, inerte e extagnado como agua apodrecida no fundo de um poço, cada immoralidade que cae dentro abre cir-

culos concentricos de vibrações mephiticas que se alargam do ponto ferido até á circumferencia do repositório.

De cada vez que o Terreiro do Paço annuncia que toma de aluguel mais uma consciencia, o paiz todo, até á raia, põe escriptos.

\*

\* \*

Foi em face da situação cujas linhas mais proeminentes acabamos de esboçar que alguns homens de extranha boa fé se lembraram de promover ha dois annos a celebração nacional do centenário de Luiz de Camões. — *E' a prova do espelho posto á bocca do moribundo para o fim de verificar se elle ainda respira ou não* — disseram então esses homens ingenuos. E, sem receio do terrivel sentido ironico que se poderia ligar ás suas palavras antigas, elles tomaram arrojadamente esta divisa: — *Vereis amor da patria não movido de premio vil.*

Para se julgar imparcialmente da acção das *Farpas* nos successos que narramos, é conveniente recordar uma pequena particularidade: O individuo que propoz, redigiu, explicou e defendeu perante a assem-

bleia dos escriptores de Lisboa o programma do cortejo civico do jubileu camoneano, tal como elle se realisou depois de officialmente amputado, no dia 10 de junho de 1880, foi precisamente o mesmo bohemio que escreve estas linhas.

Este simples detalhe absolutamente insignificante e inutil á historia do centenario, é importante para a historia das *Farpas*. Por isso ellas, ainda que immodestamente, o registam.

Foi essa a primeira vez — será provavelmente a ultima — que a redacção d'estes pequenos livros exorbitou da esphera especulativa da critica para a esphera da acção, levando directamente á rua uma ideia.

Se algum dia a moralidade das *Farpas* houver de ser julgada na opinião, este facto será fundamental no processo, por que é pelo accordo ou pelo desaccordo entre as ideias litterarias e os actos publicos de um escriptor que este deve ser definido para a absolvição ou para o desprezo dos seus semelhantes.

As *Farpas* produziam gracejos periodicos desde o mez de maio de 1871. Nove annos de ironia persistente prostram de tristeza o temperamento mais solido. Rir de tudo ou



de quasi tudo aquillo que todos os outros respeitam e veneram é fazer da alegria um exilio e da gargalhada um carcere.

Não ser de nenhuma seita e de nenhum partido, de nenhum club, de nenhum gremio, de nenhum botequim e de nenhum estanco, não ter escola, nem irmandade, nem roda, nem correligionarios, nem companheiros, nem mestres, nem discipulos, nem adherentes, nem sequazes, nem amigos, é possuir a liberdade, é ter por amante a rude musa *aux fortes mamelles et aux durs appas*, cujo beijo clandestino e ardente põe no coração a marca dos fortes mas requeima nos beiços o riso dos engraçados.

Alem da grande e amada tristeza, que já S. Paulo lastimava, — a tristeza de ser só, — na alma das *Farpas* havia ainda, a melancolia da descrença sobre a efficacia dos seus meios artisticos, empregados para pôr verdades em evidencia.

Onde ha uma corporação que se intitula *União e capricho*, onde ha outra que se chama a *Incrível Almadense*, onde ha *Os prussianos do Seixal* e a *A'vante incrível canecense*, onde existe a *Academia dos Fenians* e a sociedade de soccorros denominada *Parturiente funebre familiar*, onde um collegio de

educação põe na taboleta *Novo methodo intuitivo*, onde um jornal de noticias toma o titulo de *Santo Antonio de Lisboa*, onde uma camara municipal propõe a substituição do nome de *Aldeia Gallega* pelo de *Linda Aurora do Tejo*, onde uma loja de bebidas, alliando á beberoca barata o mais illustre nome da poesia contemporanea, se intitula *A Casa Garrett*, onde todas estas coisas se dão, assim como se dá a um homem o titulo de *Visconde do Marmeleiro*, sem espanto, sem estranhesa, sem sobresalto, o povo perdeu a noção do ridiculo, e não ha já ironia que lhe faça mossa. As agudezas da arte não o penetram. E' preciso uma broca.

As *Farpas* necessitavam de descançar movendo-se, vindo á praça publica, indagando se havia para ellas um lugar entre a multidão, mostrando-se uma vez participantes no movimento do seu tempo.

Quando a commissão dos escriptores reunida para celebrar o centenario, publicou o programma que nos encarregou de fazer, a cidade inteira riu durante trez dias com trez noites.

— E' a cerração da velha ou é o enterro do bacalhau? — perguntava-se aos chás de familia, nas casas particulares, nos botequins,

nos paços dos nossos reis e nas estalagens.

A nação inteira, congrassada no preito de uma ideia commum, representada n'uma enorme procissão civica, com os andores dos santos substituidos pelos symbolos e pelos tropheus do trabalho e da intelligencia do homem; reunidas pelo abraço da solidariiedade patriotica todas as classes sociaes, que nunca até esse dia se haviam encontrado juntas em torno do mesmo interesse commum e da mesma sympathia reciproca; os estandartes de todas as profissões e os pendões de todos os partidos, os mais radicalmente oppostos e adversos, baixando-se juntos pelo mesmo impulso perante a honra e a gloria da patria; o rei á frente entre os socialistas mais intransigentes e entre os republicanos mais vermelhos, os cortezões e os officiaes d'officio, os sabios e os cavadores d'enchada, os juizes com as suas becas, os generaes com os seus uniformes, os doutores com os seus capellos, os campinos com os seus cavallos á redea, os pescadores, de pernas nuas e pés descalsos com uma vela em triumpho, os pastores, de tamancos com calções de pelle de cabra, abordoados aos cajados, os soldados com as bandeiras

e as espingardas coroadas d'oliveira, os cidadãos, todos enfim, fraternizando n'um sentimento e n'uma ideia, era effectivamente o espectáculo mais proprio para fazer cocegas debaixo dos braços á nação e para desengonsar pela gargalhada as mandibulas do publico.

Apesar d'isso porem o programma, depois de devidamente modificado pelo governo, como o pedia o decoro da coròe e a dignidade do exercito, cumpriu-se, e a procissão civica não foi inteiramente o *enterro do balchau*, como se predizia; foi apenas o *enterro da monarchia*.

Nenhum outro facto a não ser a apotheose de Luiz de Camões, seria possivel invocar como tregoa das divergencias que nos desunem, para cohesão social do espirito portuguez.

Em nenhuma outra litteratura existe um poeta cuja personalidade se ache como a de Camões tão profundamente e tão indissolavelmente ligada ao genio, á historia e ao destino do seu paiz. Os Luziadas são a patria portugueza affirmada na forma indestructivel e sagrada da arte, são a nacionalidade de um povo manifesta e comprovada por todos os seus direitos á vida historica,



direitos immortalizados pela unção de uma poesia eterna.

A celebração solemne do centenario de um tal artista podia ser para a sociedade portugueza o que a leitura dos *Luziadas* foi para os grandes cidadãos nas crises de decadencia nacional, — um estimulo supremo de energia e de revivescencia patriotica.

Repellindo com uma bossalidade grosseira, por meio de uma estupidez verdadeiramente cornea, esta occasião unica de revincular a tradição historica da alliança do rei com o povo, o governo monarchico lavrou o documento mais formal da sua incompetencia organica para continuar a dirigir os destinos do paiz. Este simples facto demonstra do modo mais evidente que as fontes do systema representativo que presentemente nos rege estão profundamente viciadas e insanavelmente corrompidas.

Um ministerio que procede de tal forma, em opposição radical com o espirito da nação, e que depois d'isso continua a manter-se no poder com o beneplacito da camara, constitue a prova irrefutavel de que a soberania nacional é uma pura farça dentro de tal regimen, que a delegação dos poderes é uma mentira e que o chamado governo constitu-



cional é uma fraude torpe, uma desfarçada usurpação hypocrita e cobarde.

Ha poucos dias ainda um deputado proferiu em pleno parlamento a seguinte phrase:

*A camara aguarda as determinações do governo.* Este eloquente e arrojado tribuno do povo fallou bem. *Multa in paucis.* Toda a philosophia da representação nacional portugueza no presente momento historico se encerra n'essa synthese sublime e immorredoura: — «A camara aguarda as determinações do governo.»

A subserviencia do soberano ao dominio de espiritos tão garantidamente nulos e tão perfeitamente chatos como os que o aconselharam no centenario de Camões prova-nos que o cerebro da dynastia se acha tocado pelas fatalidades atavicas inherentes a um organismo em torno de cuja massa encephalica gira sangue do snr D. João VI.



Das manifestações publicas a que deu origem o centenario de Camões parecia poder-se deduzir :

*Primeiro* — Que o systema monarchico representativo vigente, corrompido pela viciação do suffragio, deixando de representar a soberania da nação, perdera por esse facto a razão de ser, — o que de resto elle proprio mostrava comprehender, principiando a brilhar pela ausencia além do muito que já brilhava pela inanidade.

*Segundo* — Que o espirito do publico em Portugal estava adefante das instituições e que tinha portanto de as substituir ou de as desprezar.

*Terceiro* — Que o principio de associação, pelo desenvolvimento enorme que attingira no decurso dos ultimos annos, teria de ser tomado por base de toda a reforma por que houvesse de passar no paiz a ordem politica assim como a ordem social e a ordem economica.

★

★ ★

Admittidas essas hypotheses, o progresso consistiria:

*Primeiro* — Em minar systematicamente as instituições, appróximando d'ellas subtilmente todos os reagentes que pudessem con-

tribuir para as dissolver mais depressa: ideias, argumentos, logica, sabão e verdade.

*Segundo*— Em educar o espirito publico por meio de bons livros e de bons jornaes, systematisando as ideias, coordenando as aspirações, elevando o gosto, e transformando assim a pouco e pouco a concorrencia de actividades desunidas em convergencia de forças combinadas.

*Terceiro*— Em confederar as corporações de todos os trabalhadores associados—duzentos mil homens, mandando em cada anno os seus deputados a um congresso livre em que se defendessem os deveres das classes trabalhadoras, os seus direitos, os seus interesses, a sua situação perante a continuidade historica e perante a solidariedade social, o estado das suas relações economicas e moraes com a politica interior e com a politica exterior do paiz, fundamentando assim os alicerces de um novo regimen de liberdade efficiente, contraposto ao velho regimen de auctoridade inutil, — especie de iniciação pacifica e fecunda para o advento de uma verdadeira democracia, para um systema de *self-governement* ou de federalismo economico á Proudhon.



Que é que se tem feito no espaço de dois annos decorridos desde o centenario até hoje para o fim de encaminhar as ideias no sentido d'essas soluções?



Fundou-se a associação dos escriptores com trezentos e cincoenta associados, dos quaes trezentos e quarenta, pelo menos, não são escriptores, porque se não pôde com precisão technica dar esse nome aos individuos que por meio das letras não cultivam uma sciencia, uma philosophia ou uma arte. As letras só de per si são puramente um meio. Todo o pretendido escriptor que não tem dentro um sabio, um philosopho ou um artista, não é bem um escriptor, é um escrevente, e isto ainda na hypothese de que tenha orthographia e boa lettra. Faltando-lhe esses dois predicados nem escrevente é, é um esvasiador de tinteiros em prelos e de prelos em papel de impressão, o que verda-

deiramente se deve chamar um *troca-tintas*, apenas.

N'esta associação dos escriptores começou um socio, professor de instrucção primaria, por annunciar um *curso de leitura para analphabetos*. Como epigramma a si mesmos devemos confessar que é este o mais espirituoso que os litteratos reunidos tem botado aos quatro ventos do seculo.

Os snrs Consiglieri Pedroso, Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos tem feito na sociedade dos escriptores prelecções importantes sobre historia universal, sobre linguistica e sobre critica d'arte. Cremos porém que estes bellos e desinteressados serviços á sciencia tanto poderiam ser prestados por aquelles cavalheiros na sala da associação dos escriptores como na sociedade *Luz e Caridade* ou na de *Maria Pia Protectora dos Portuguezes*, — nova coisa que os do Porto abriram agora á gargalhada do mundo e á necessidade que os protegidos sentiam n'aquella cidade de jogar a bisca juntos sob a egide d'uma mesma princeza.

Como corpo colectivo a associação dos escriptores tem evitado toda a especie de contacto com o movimento social ou com os interesses intellectuaes da classe por meio



de um melindre de sensitiva e de uma pudicicia de vestal velha.

Na qualidade de corporação registrada no governo civil e com estatutos approvados pelo governo, os escriptores teem apenas produzido luminarias, dois jantares, um passeio fluvial e algumas assembleias geraes.

Em vista de tal esterilidade, os dramaturgos, bem avisados, separaram-se ultimamente da corporação e fizeram panella á parte.

Estreitados por este novo vinculo e aguilhoados em suas imaginações pela paixão ardente das artes scenicas, os escriptores dramaticos não principiaram ainda a primeira peça feita em collaboração ou separadamente, mas vão já no quarto ou quinto jantar mensal comido de sucia. Bom appetite para o resto de carreira tão briosamente encetada é o que do fundo d'alma desejamos a estes espirituosos filhos de Melpomone.

\*  
\*   \*  
\*

Emquanto a livros destinados a lançar alguma luz sobre o atoleiro tem havido pouco tempo para os fazer. O snr Antonio de Serpa

foi o que projectou mais clarão. Este notavel estadista fez o favor de nos revelar na sua ultima obra que um ministro em Portugal não tem tempo para tratar das questões. Todo o dia de um ministro é pequeno para parlamentar e para ouvir requerentes. Ainda bem que por este lado ao menos está o negocio liquidado. O livro do snr Antonio de Serpa, que foi ministro por muitos annos não deixa o menor vislumbre de incerteza sobre esse ponto.

Ahí temos o portico da publica governação com os seus ministros dentro. — Truz truz truz!

— Quem é?

— Está em casa o governo?

— Que lhe hade querer? Se é peditorio, pode entrar; se traz broblema, s. ex.<sup>a</sup> sahiu n'este mesmissimo instante para palacio.

Ficamos sabendo, em summa, e de uma boa vez para sempre, que o governo se não occupa das questões. E' inutil suggerir-lh'as, propôr-lh'as, explicar-lh'as, amenisar-lh'as, desfarçar-lh'as, impôr-lh'as, estender-lh'as na ponta de um cajado, ou mandar-lh'as a casa n'uma travessa com ramos de salsa á roda e com limão em cima. O governo o que não tem é tempo. Bem! não se lhe falla mais

n'isso. O tudo é haver quem explique as coisas!

Varios jornaes com tendencias mais ou menos revolucionarias appareceram, desapareceram ou permaneceram depois que o centenario de Camões se celebrou, mas em todos esses periodicos tem feito reconhecida falta alguem que serenamente nos dê dos phenomenos do tempo presente explicações tão cabaes como aquellas em que timbra o snr Antonio de Serpa.



Resta-nos do movimento emmergente da celebração do jubileu camoneano o congresso das associações confederadas.

Para julgarmos do estado das ideias que vão ser debatidas n'esse parlamento, cuja realisação cumpre confessar que se deve principalmente á iniciativa e á tenacidade de um unico homem, o snr Theophilo Braga, para apreciarmos d'antemão a orientação mental e a systematisação de principios que as differentes classes sociaes terão de revelar na reuniãoda dieta cooperativa a que nos referimos, a festa do centenario do mar-

quez de Pombal, ultimamente celebrada, figura-se-nos ser um symptoma culminante e preciosissimo.

Antes porem de examinarmos como foi comprehendida pelo publico a importancia historica do marquez de Pombal sobre a civilisação portugueza, temos de indicar a traços largos a physionomia do heroe canonizado pelo enthusiasmo popular.



O marquez de Pombal é um estadista, um governante, — o que quer dizer — a mais pequena das coisas que um homem grande pode ser.

Buckle... — pois que é bom citar auctordades extranhas sempre que se deseja adduzir opiniões desinteressadas e argumentos insuspeitos — Buckle, um dos primeiros escriptores modernos que fundou em bases positivas as leis da civilisação e do progresso, afirma, perante os factos evidentes superiores a toda a controversia, que todos os interesses da sociedade foram sempre na Inglaterra gravemente compromettidos por todas as tentativas que os legisladores fizeram

para os auxiliar. Nenhuma grande reforma, quer legislativa quer executiva, foi jamais em paiz algum a obra d'aquelles que governam. Os governos constituídos não podem fazer em bem do progresso senão uma coisa: dar-lhe possibilidade. Os unicos serviços que um governo pode prestar á civilização reduzem-se a manter a ordem, a impedir os fortes de opprimir os fracos e a tomar algumas precauções para o fim de assegurar a saude geral. Todo o governo que traspõe estes limites ultrapassa o mandato e é criminoso perante a historia. — Não somos nós que o dizemos é Bukle na sua *Introdução á historia da civilização em Inglaterra*.

Guizot, apesar de todo o seu doutrinismo, confessa que é effectivamente um erro grosseiro o acreditar no poder soberano da maquina politica.

Bastiat diz: O Estado não é mais que uma grande ficção atravez da qual toda a gente se exforça por viver á custa de toda a gente.

Bagehot, o illustre critico que mais exactamente soube adaptar as leis scientificas da evolução biologica aos estudos sociaes, pensa que a liberdade «é o poder que fortifica e desenvolve, é a luz e o calor do mundo politico. Se algum cesarismo conse-



guiu jámais patentear alguma originalidade de espirito, proveio isso de que soube apropriar-se dos resultados obtidos pela liberdade ou em tempos passados ou em paizes visinhos. Mas ainda em taes casos essa originalidade é fragil e pouco duradoura, e desaparece sempre dentro de um breve espaço de tempo, depois de experimentada por uma ou duas gerações, exactamente no momento em que principiaria a ser necessaria.»

Herbert Spencer explica pela acção physica das martelladas sobre a bossa de uma chapa de ferro os effeitos produzidos sobre o complexo aggregado social por essa força accidental que se chama o governo. Para achatar a empola na chapa de ferro o empyrismo bate-lhe em cima com um martello: o resultado correspondente a este esforço é que a bolha recalçada para baixo cada vez incha mais para cima, e a lamina não sómente se torna mais barriguda do que estava no ponto defeituoso mas contrac ainda defeitos novos e imprevistos começando a arrebitar pelas extremidades. E' como a d'este martello a acção dos governos sobre a reformação das sociedades.

Referindo-se á inutilidade dos homens que governam com relação aos destinos dos que

são governados, o mesmo Herbert Spencer escreve :

«Adão Smith ao canto do seu fogão impoz ao mundo muito mais consideraveis mudanças do que qualquer primeiro ministro. Um general Thompson, que forja as armas necessarias para a guerra contra a lei dos cereaes, um Cobden e um Bright, que as aperfeiçoam e que se servem d'ellas, contribuem mais para a civilisação do que qualquer porta-sceptro. O facto pode desagradar aos estadistas, mas é indiscutivel. Calculem-se todos os resultados adquiridos já pelo livre cambio, juntem-se-lhes os resultados muito maiores ainda que elle nos promette, não somente a nos, mas a todas as nações que adoptarem o nosso principio, e vêr-se-ha que a revolução emprehendida por esses homens excede em grandeza tudo o que jámais fez um potentado. O snr Carlyle sabe-o bem: aquelles que preparam verdades novas e que as ensinam aos seus semelhantes são em nossos dias os verdadeiros poderes, os *legisladores não reconhecidos*, os unicos reis. Os que se sentam nos thronos e os que compõem os gabinetes — toda a gente o sabe — são simplesmente os servos d'aquelles homens.»

Muitos outros exemplos se poderiam acrescentar aos que são referidos por Spencer.

Os mais complicados problemas sociaes, como o do augmento da riqueza e o do augmento dos braços, são resolvidos no fundo de uma officina por simples trabalhadores.

O metallurgista Bessemer por meio da fabricação do aço dota as nações civilisadas com uma economia de dinheiro que o *Scientific American* calcula sobre bases precisas, somente com relação á producção do aço bruto, na quantia de noventa mil contos por anno. Tomando em conta o excesso de duração, adquirido nos artefactos pela substituição do ferro pelo aço, e devido á invenção de Bessemer, a economia realisada pela Grã Bretanha unicamente, na duração dos rails dos caminhos de ferro, eleva-se a um rendimento de quinhentos e sessenta e cinco mil contos. Qual é a medida governativa que jámais produziu um tal resultado?

Em 1781, no mesmo anno em que o marquez de Pombal exclamava: *Agora é que Portugal vae á vela*, Watt descobria a applicação do vapor. Decorreu apenas um seculo depois da invenção do vapor applicado ao movimento de uma arvore de rotação, e as ultimas estaticas do snr Bresca mostram-

nos que, sómente em França, a força productiva inventada por Watt se acha representada por um milhão e cem mil cavallos de vapor. Calculada em doze homens e meio a paridade de força de cada cavallo de vapor, temos quatorze milhões d'homens correspondentes ao milhão e cem mil cavallos. Esses vinte e oito milhões de braços d'aço, trabalhando mais do que outros tantos milhões de braços humanos, augmentam a força muscular da França, pela dadiua de um simples e modesto operario, em quantidade muito maior do que a força destruida nas guerras pelo imperador Napoleão.

O problema scientifico, n'este momento em resolução, da transmissão da força pelos conductos pneumaticos e pelos fios electricos; põe a catarata do Niagara ao serviço do trabalho universal, e segundo uma memoria do snr Siemens apresentada recentemente ao *Iron and Steele Institute*, só a força do Niagara é superior á de todo o carvão que hoje se queima no globo, se todo elle fosse exclusivamente empregado em produzir trabalho.

Os homens que mais reconhecida e decisiva influencia teem tido nas reformas economicas e sociaes do nosso tempo não são nunca os homens d'estado, mas sim os ho-



mens d'estudo, simples jornalistas como João Baptista Say e Carlos Dunoyer, um obscuro cirurgião como Quesnay, um modesto professor como Adão Smith.

Aquillo que se chama propriamente um *governante* não é mais que o resto anachronico de uma velha liturgia hoje extincta. O vulto grosseiro d'esse dictador que se chamou Sebastião José de Carvalho, levantado em triumpho como um symbolo de progresso e de liberdade, com a sua cabelleira de rabicho, com os seus autos do Tribunal da Inconfidencia e os seus cadernos da Intendencia da Policia debaixo dos braços, faz-nos o effeito de um velho monstro paleontologico, desenterrado das florestas carboniferas e reposto, com palha dentro, no meio do espanto da flora e da fauna do mundo moderno.

Que significa uma similhante festa dos filhos da liberdade ao representante do despotismo? Que sentido absurdo se póde ligar no fim do seculo XIX a esta nova e inesperada *Declaração dos direitos do governo*, depois que a Revolução Franceza nos fez presente a todos nós da *Declaração dos direitos do homem*?

Desde 1789 até hoje todos os esforços dos povos cultos teem tendido precisamente a



enterrar o principio que nós resuscitamos com a apothese solemne de um estadista. Todo o immenso trabalho da reconstituição social durante este seculo tem consistido para todos os homens livres em negar aquillo que a memoria do marquez de Pombal affirma, em eliminar a acção do estado sobre os actos dos individuos, reivindicando sobre os restos das velhas tyrannias auctoritarias todas as liberdades proclamadas pela Revolução, a liberdade de imprensa, a liberdade de cultos, a liberdade de ensino, a liberdade de associação, a liberdade de reunião, a liberdade de commercio, a liberdade de industria, a liberdade de trabalho.

A personalidade de um estadista da escola do marquez de Pombal representa a negação expressa de todas essas liberdades, representa a revivescencia do antigo despotismo monarchico, a coerção do homem sobre o homem, quando o que todos nós pedimos desde Danton para cá, em nome da dignidade da especie, rehabilitada pela sciencia na posse de si mesma, é o livre exercicio da acção do homem sobre a natureza.

Os unicos povos do globo que ainda hoje accitam, não diremos com os regosijos de um triumpho, mas simplesmente sem dis-

cussão, sem protesto ou sem revolta, o principio da auctoridade representada pelo arbitrio de um individuo, são os selvagens; são os aschantis, cujo rei, herdeiro unico e forçado de todos os seus subditos, tem 3:333 mulheres e um numero proporcionado de filhos, com o direito de saque sobre toda a communitade; são os katungas do Valle do Niger, onde ninguem se approxima do soberano senão com as mãos no chão e a cabeça arrastada na lama; são os abyssinios, que nascem todos escravos do rei seu dono; são os malanesios, cujo chefe tem o tratamento de *Deus*; são finalmente os cafres, os boto-cudos, os topinambas, os patagonios e os esquimaus.

Na Europa já não ha d'isso.

Com a emancipação intellectual dos governados acabou o prestigio dos governantes.

A Hispanha, a Italia, a França, a Inglaterra, a Allemanha celebram com religiosa piedade filial os centenarios dos seus poetas, dos seus artistas, dos seus philosophos, dos seus paes espirituaes, dos seus bemfeitores. Em região nenhuma do mundo arroteada pela civilisação se celebra o culto do estadista, agente ephemero de estados sociaes transitórios, especie sempre brutal se triumphada das

resistencias, sempre impura se se concilia com ellas, engenho destinado a condensar poder e a segregar leis, tão passageiras como o aparelho de que procedem, e todas más sempre que não teem por objecto a revogação d'outras que as precederam.

A sciencia anthropologica confirma inteiramente o instincto popular no seu desdem pelas faculdades dos chamados homens d'estado. O snr Wechniakoff, emprehendendo recentemente n'uma obra de anthropologia psychologica a historia natural dos *grandes homens*, divide estes em tres grupos: os monotypicos, os polytipicos e os philosophos. No primeiro grupo entram as altas intelligencias monocordes como as dos poetas, dos pintores, dos musicos, dos engenheiros, dos astrónomos, etc. O segundo grupo compõe-se dos espiritos de natureza multipla cuja actividade se exerce nos trabalhos mais variados, cujos resultados elles são todavia impotentes para coordenar em conjuncto. Pertencem a esta familia Haller, poeta, naturalista, physiologista, auctor de 376 obras e de 12:000 artigos bibliographicos; Humboldt, que aprendeu philologia aos setenta annos e publicou a ultima parte do *Cosmos* dos oitenta e um aos oitenta e oito annos de

idade; Bernardo Palissy, Plater, Alberti. O terceiro grupo, subdividido em grupo philosophico permanente e grupo philosophico transitorio, consta na primeira parte de individuos como Auguste Comte, Leibnitz, Lagrange, e na segunda de Newton, Grove, Daniel Bernouilli, etc.

Em nenhuma d'essas categorias se comprehendem os estadistas, porque a anthropologia psychologica não acceita como grandes homens senão os creadores da arte, da sciencia ou da philosophia.



Determinada a especie, passemos agora a examinar o individuo.

Durante o seculo xviii — diz Michel Chevalier — vemos successivamente passar na direcção dos negocios na maior parte dos Estados, ou seja como rei ou como primeiro ministro, um reformador applicado a destruir a supremacia da nobresa e do clero, com o fundamento de que a nobresa tendia a attribuir-se uma parte das prerogativas do governo em detrimento da realesa e por van-

tagem própria, emquanto o clero aspirava a dirigir a sociedade ficando elle unicamente sujeito a um soberano estrangeiro que com uma triplice corôa na cabeça se considerava o rei dos reis. N'este presuppsto era como senha dada e geralmente obedecida suscitar por meios mais ou menos artificiaes, á falta d'outros mais convenientemente entendidos e mais efficazes, o desenvolvimento da agricultura, do commercio e dás manufacturas, afim de augmentar a riqueza dos povos e os recursos do Estado, de que o principe dispunha arbitrariamente. Parecia util espalhar a instrucção, porque ella contribue para formar uma opinião publica que pôde contrabalançar a auctoridade do clero sobre os espiritos. Quanto ao mechanismo do governo punha-se completamente de parte a liberdade. A divisa era: O estado é o principe. Todos o pensavam com quanto o não proclamassem como Lu'z xiv. Esta feição geral encontra-se em graus diversos, sob formas differentes e com accessorios appropriados aos logares e ás circumstancias em varios estados durante uma ou outra parte do seculo xviii. No norte essa expressão é brilhante na côrte do grande Frederico e da grande Catharina; no centro da Europa na



côrte de José II. No sul apparece em Pombal, e, em grau menor, nos dois hispanhoes rivaes um do outro Campomanes e Florida Blanca.»

D'esta exposição tão clara do systema geral de reformas governativas na Europa durante a primeira metade do seculo passado, exposição devida a uma auctoridade tão insuspeita como a do economista Michel Chevelier, deduz-se immediatamente que o talento politico do marquez de Pombal carece de originalidade.

Esta circumstancia destroe em grande parte o intuito patriotico que geralmente se lhe attribue de pretender, n'um ponto de vista nacional, reformar e reconstituir a sociedade portugueza dissolvida por duzentos annos de despotismo monarchico e catholico. O arrojado ministro do rei D. José era apenas um reformador de segunda mão. Como revolucionario a sua carreira é de pé posto no circulo feito em torno das realidades estremecidas por todos os dictadores que se haviam seguido a Richelieu no governo das monarchias modernas.

As reformas de Pombal não são o producto puro de um talento pessoal mas sim os ultimos effeitos de uma corrente contagiosa

de ideias, ao tempo d'elle quasi todas já envelhecidas e refutadas.

O que elle representa na civilização não é a personificação de um genio mas sim o advento de um novo poder, que o enfraquecimento das raças reinantes tornava necessario, que então apparecia pela primeira vez e que Auguste Comte denominou o *poder ministerial*.

Este facto exprime um consideravel progresso politico, de que Pombal é a função. O estabelecimento do poder ministerial é a reversão, ao valor, da auctoridade até ahi adstricta ao nascimento.

Antes de assumir a dictadura em que o investiu o rei D. José, Pombal viajara, residira como embaixador na Inglaterra e na Austria, convivera com homens de espirito iniciados nas ideias da philosophia franceza, mas nem da revolução intellectual da França nem da revolução economica da Inglaterra elle comprehendeu o mechanismo. Unicamente os processos da politica austriaca, de uma meticulosidade italiana e de um rigor allemão o penetraram inteiramente.

A imperatriz Maria Thereza, que envolvida nos mais altos negocios da politica internacional europeia funda *commissões de*

*castidade* para salvaguardar as esposas das infidelidades maritales, sem que todavia isso a empeça de escrever epistolas ternas a Madame de Pompadour, amante de Luiz xv, dá bem o modelo da politica pombalina, policiando tudo no reino desde os primeiros segredos da diplomacia até aos ultimos mysterios das alcovas.

Na cõrte de Vienna encontrou o marquez de Pombal, em elaboração, as ideias que pouco depois deviam constituir o programma politico do imperador José II, cuja impetuosidade de character Maria Thereza procurara conter em quanto viva e cujos projectos de reforma eram tão semelhantes áquelles que o marquez realisou em parte como primeiro ministro na cõrte de Lisboa.

Abolição da escravidão, do direito de primogenitura, dos dizimos, da caça privilegiada; reconhecimento dos judeus e dos protestantes como cidadãos; todo o cidadão considerado capaz de alcançar qualquer emprego; supressão dos conventos inuteis transformados em hospitaes e em estabelecimentos de instrucção; desenvolvimento das universidades e das academias; protecção das pautas á industria nacional: tal é a parte do programma de José II que o ministro portu-

guez procurou pôr em execução no seu paiz.

Mas José II ia um pouco mais longe, e a declaração completa da sua politica ao subir ao throno, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo em que Pombal cahia, mostra-nos que este não aprendera inteiramente a lição que as suas convivencias e as suas ligações austriacas lhe haviam ministrado.

O imperador José II declarou que *reinar sobre homens livres era a sua unica paixão como rei*. Pombal, preocupara-se pouco, com a liberdade conferida aos cidadãos que governara. Esta differença fundamental entre o reformador austriaco e o reformador portuguez reflecte-se na obra de cada um por meio dos effeitos mais expressivos.

Assim, enquanto o marquez de Pombal confere o tratamento de magestade ao *tribunal da Inquisição* e funda o famoso e terrivel *tribunal da Inconfidencia*, José II substitue a todas as jurisdicções, ecclesiasticas e feudaes, tribunaes civis de varias instancias emmergentes d'um unico tribunal supremo. Enquanto Pombal funda a Real Mesa Censoria, José II transfere para os membros das academias e das universidades a censura até então exercida pelo clero. Enquanto Pombal reserva para a corôa o

direito de nomear e de demittir sem mais fórma de processo todos os funcionarios da nação, José II funda a lei dos concursos. Enquanto, finalmente, Pombal manda suppliciar n'um auto de fé, com cincoenta e tres condemnados, o pobre cretino Malagrida na idade de setenta e tres annos, José II estabelece o principio da tolerancia, conferindo a toda a aggregação religiosa de tres mil almas, de qualquer seita que sejam, o direito de edificar um templo e de subsidiar um pastor.

Nas praticas administrativas Pombal é da escola de Colbert, refutada em Inglaterra desde o meiado do seculo. O systema protector pombalino e o systema colbertista, de que elle é copia, dão em Portugal e em França resultados semelhantes. Pombal que recebera da administração de D. João V um cofre em que nem havia com que pagar o enterro do rei, entrega a D. Maria I o erario com uns poucos de milhões, um exercito numeroso e uma boa esquadra. Colbert escrevia ao soberano em 1662: «Os rendimentos estavam redusidos a 24 milhões e ainda esses comidos por dois annos; hoje estão em 50 milhões. Então o rei pagava 20 milhões de juros; hoje não paga um *sou*.



Então o rei, dependente dos financeiros, não podia fazer despesa alguma extraordinaria; hoje, depois da compra de Dunkerque, a Europa vê-o bastante rico para comprar o que quizer. Então não havia marinha; hoje vinte e quatro naus acabam de ser construídas, etc.»

A prosperidade de um povo não póde porém ser aquilatada pelo dinheiro que o príncipe possui no erario á sua disposição, nem pelo numero das baionetas dos soldados ou das boccas de fogo dos navios que elle tenha á mão para fazer guerras. O Estado é um apparelho, não é uma individualidade. O Estado tem funcções e não tem mais coisa nenhuma, nem bens, nem crenças, nem opiniões.

O Estado tem obrigação restricta de ser pobre, exactamente como tem obrigação de ser atheu. Onde o Estado enriquece, a comunidade está roubada, porque se lhe extorquiu mais em imposto do que se lhe deu em serviços, e as relações dos individuos com o Estado, tendo por base a troca, não podem ter por fim o lucro do mesmo Estado, representado pelo príncipe, pela cõrte, pela nobreza ou por qualquer outra classe privilegiada.

Quando o Estado se constitue protector torna-se objecto de uma superstição grosseira e perigosa. A fé posta na protecção do governo é uma derivação da fé no milagre. Essa fé dissolve todas as aptidões, todas as iniciativas, todas as forças de uma sociedade. Os que acreditam na acção providencial dos estadistas sobre os desenvolvimentos da riqueza e da prosperidade dos povos perturbam tudo pela confusão dos poderes de que abdicam, delegando-os no governo. Os proletarios pedem a abolição dos direitos de importação dos cereaes e dos tecidos para terem o pão e o vestido mais barato; os cultivadores e os industriaes requerem direitos prohibitivos de concorrência para venderem mais caro os productos da terra e os das fabricas; os operarios requerem augmento de salario; os patrões solicitam augmento de trabalho; e todo o accordo, desde que o Estado intervem, se torna impossivel entre aquelles que produzem e aquelles que consommem.

Nenhuma das industrias que o marquez de Pombal fundou pela protecção lhe pôde sobreviver na liberdade. Todas as grandes companhias de industria ou de commercio fundadas por elle desappareceram sem o

menor vestigio na prosperidade ou na riqueza publica, — a companhia do Maranhão, a de Pernambuco, a dos Vinhos do Douro, a da pesca da baleia, a da pesca do atum. Todas as fabricas que elle montou cahiram successivamente umas depois das outras. A razão é que a industria não é um artigo de importação mas sim um ramo da sciencia applicada. O unico meio de suscitar industrias e de crear commercio é introduzir sciencia e dar liberdade.

O vasto plano do marquez de Pombal tendente a uma completa e total reconstrucção social é, pela sua mesma natureza absoluta, a negação do seu talento politico. Tendo por fim condensar os esforços da progressão social, toda a politica efficaz tem necessariamente de ser tão lenta como essa progressão. O snr Oliveira Martins chama ao governo do marquez de Pombal um ferramoto. Effectivamente o enorme conjuncto d'essas disposições legislativas e policiaes destinadas a refazer de um jacto uma civilisação, representam uma força tão poderosa e ao mesmo tempo tão irracional como o abalo de terra que em alguns minutos destroe uma cidade.

O snr Dubost, apreciando na *Revue de Philosophie Positive* as altas qualidades de

Danton como homem de estado, diz que o caracter principal da sua politica consiste na necessidade que elle comprehendeu de renunciar deliberadamente a intentar a reconstrucção total da sociedade franceza, mantendo-se energicamente em uma obra relativa, que deve consistir em permittir a elaboração dos elementos que por si mesmos hão de gradualmente produzir a reconstituição. Pombal desconhecia completamente essas leis fundamentaes da politica, que subordinam as funcções governativas á independencia do meio social, não permittindo medida alguma que a opinião não solicite, que a vontade publica não reclame.

Condorcet na sua biographia de Turgot, de quem elle foi o amigo e o collaborador, diz: «Deve-se evitar na reforma das leis: 1.º tudo quanto possa perturbar a tranquillidade publica; 2.º tudo quanto produza grandes abalos no estado de um grande numero de cidadãos; 3.º tudo quanto encontre de frente preconceitos ou usos geralmente recebidos. Algumas vezes succede que uma lei não pode produzir todo o bem que promette ou não se pode pôr em execução porque a opinião lhe é adversa; n'esses casos *cumpra começar por mudar a opinião.*»



Para o ministro do rei D. José não havia senão uma opinião — a d'elle, e o publico não era mais que uma grande massa passiva e bruta, que elle se julgava destinado a modelar sob varios aspectos mettendo-a em fôrmas como se faz aos pudins.

Derivando todas as liberdades da pessoa do rei, elle recalcou sempre pelo terror todas as reivindicações de independencia collectiva ou pessoal. Nunca nos estados modernos da Europa o despotismo assumiu um character mais cruel, mais sanguinario mais implacavel que o do regimen pombalino em Portugal. Proudhon diz que a tyrania está sempre na rasão directã da grandeza da massa dominada. A administração do reinado de D. José é uma excepção a esta regra. Em tão pequena familia tão grande oppressão como aquella de que a sociedade portugueza deu o espectáculo durante o ultimo quartelão do seculo xviii foi o espanto e o horror do mundo civilizado.

A tremenda catastrophe do terramoto lançou o panico, o horror, a confusão, o desequilibrio em todos os espiritos, em todas as relações sociaes, em todos os interesses economicos. A catastrophe nacional derivada d'essa revolução geologica prepara o advento da do-



minação pombalina, assim como o terror na revolução franceza prepara o advento da dominação napoleonica. Em França como em Portugal a sociedade havia perdido sob o golpe de uma desgraça esmagadora a faculdade de resistir. No meio do desfallecimento geral que por algum tempo se succedeu á violencia da crise, Pombal pretendeu reconstruir a sociedade perturbada exactamente pelo mesmo processo por que reconstruiu a cidade em ruinas: ao esquadro e á regua, como um pedreiro cabeçudo e valente, tomando a symetria pela ordem; sem respeito algum pela dignidade das ideias e dos sentimentos; sem a menor noção da elevação e da belleza moral; sem arte, sem graça, sem elegancia, sem gosto; n'uma feroz teimosia de omnipotente sapador, alinhando, razoirando, espalmando, achatando, estupidificando tudo. São os brutaes arruamentos quadrangulares da Baixa prolongados a toda a area da ordem social.

De cima a baixo, de norte a sul, de éste a oeste, tudo arruado! Para ali os algibebees, para ali os professores, os bacalhóeiros, os poetas e os capellistas; para acolá os retrozeiros, os latoeiros, os artistas e os philosophos. Para os sapateiros aqui estão as

fôrmas; para os philosophos aqui estão as ideias, para os retrozeiros aqui estão as linhas; para os artistas aqui está a natureza, a sensibilidade, o temperamento e a paixão.

Elle só gisa, mede, talha, corta, almoça, esposteja, aquartilha, taberneia, baldroca, amesinha e a apilula tudo, — o arroz, o vinho, a manteiga, o bacalhau, o briche, o oleo de ricino, o ensino publico e particular, as missas, a poesia, a architectura, a musica, a esculptura, a philosophia, a historia, a moral e a canella.

A cada um o seu regulamento e o seu arruamento, com quatro forcas e com duas ruas, direitas, parallelas rectilineas, vindo todas dar á grande praça central com a besta de bronze ao meio, sustentando em cima, vestido á romana com um sceptro na mão, um pulha inepto, de bronze para pensar, de cebo para resistir.

Nos patibulos, que servem de signos geodesicos á triangulação do systema, nunca durante dez annos deixou de pernejar alguém para recreio do principe e escarmento dos subditos.

Toda a reclamação, ainda a mais moderada, contra medida promulgada pelo omni-

potente ministro era considerada crime de lesa-majestade e d'alta traição.

O supplicio dos Tavoras e do duque de Aveiro e o auto de fé do padre Malagrida são monstruosos de mais para que façamos d'elles argumentos de historia. A ferocidade levada a um tal requinte deixa de pertencer á critica; está fóra da historia assim como está fora da humanidade; é uma reversão ao canibalismo, cujo estudo compete á psychologica pathologica.

Explica-se geralmente pela necessidade politica de abater e de humilhar a nobreza esse processo caviloso e infame, em que o ministro de D. José é ao mesmo tempo juiz e parte, e em que os reus são julgados sem defeza e sem exame de provas sob a accusação de uma tentativa de regicidio, em que hoje se sabe achar-se completamente innocente a familia Tavora; assim como estava innocente o marquez de Gouveia, exauto-rado do seu titulo, oficialmente infamado e encarcerado nos cárceres sem ar e sem luz do forte da Junqueira desde os dezoito annos de idade até os trinta e sete; assim como estavam innocentes o marquez d'Alorna, encarcerado no mesmo forte; a marqueza d'Alorna e as suas duas filhas, presas no

convento de Chellas; D. Manoel de Sousa Calhariz, avô do duque de Palmella, encarcerado na Torre do Bugio, onde morreu; e a infeliz duquesa d'Aveiro, a qual, depois de sequestrados todos os seus bens, perseguida até o seu ultimo suspiro pelo odio do Marquez de Pombal, morreu no convento do Rato, servindo a cosinha das freiras como creada de pé descalço.

Singular modo de aviltar uma classe, sagrando-a assim pelo martyrio!

Decorreram mais de cem annos sobre a carnificina canibalesca de 13 de janeiro de 1757. Povoam ainda as nossas imaginações e vivem eternamente immortalisadas pelas nossas lagrimas as doces e legendarias figuras d'esses fidalgos: a marquezia de Tavora, de uma physionomia tão elevada e tão elegiaca, alta, magra, severa, envolta na sua longa capa alvadia, assistindo no patibulo á descripção do suplicio por que vae passar a sua familia, comprimindo no silencio da dignidade toda a explosão da dôr é dóbrando, sem um grito, sobre o cepo, a cabeça coroada de cabellos brancos que o carrasco fere de um golpe de machado pela nuca, fazendo-a pender por um instante segura ao busto pela pelle da garganta. O al-

tivo e marcial marquez de Tavora, macerado e encanecido, contemplando os cadaveres da sua mulher degolada, do seu filho com os ossos esmigalhados pelo masso de ferro que um momento depois lhe ha de bater no peito, em que elle crusa os braços, deixando rolar nas faces duas grossas lagrimas mudas e tragicas, unico protesto contra o holocausto necessario para desatranvacar dos empecos de familia o caminho que conduz á alcôca da amante do seu rei. O joven José Maria de Tavora, finalmente, com vinte e um annos de idade, bello, gentil e amado, vestido de veludo preto e meias de sêda côr de perola, os cabellos annellados e louros presos por um laço de fita.

E na saudade dolorosa que nos desperta esse quadro do pretendido aviltamento da aristocracia portugueza ninguem comprehende os tres plebeus creados do duque d'Aveiro, egualmente suppliciados por terem acompanhado seu amo na emboscada da Ajuda sem todavia haverem participado na aggressão ao principe.

Esses tres innocentes, João Miguel, Braz José Romeiro e Manoel Alvares Ferreira, comparecem no patibulo por ordem do juiz supremo Sebastião José de Carvalho, em ca-



misa e calções, de pernas nuas e pés descalços, desprezíveis e grotescos, despoetizados para a legenda sentimental da morte pelo julgador igualmente plebeu que, para se extrahir d'esta miseria truanesca da simples canalha, se condecora a si mesmo com o direito de morrer com meias de seda, incorporando-se alguns dias depois com o titulo de conde d'Oeiras na mesma nobreza que pretendia aviltar e destruir

E' a isto que os apologistas de Sebastião chamam o nobre intuito democratico de elevar a plebe e de constituir a burguezia.

Mais expressivo e mais concludente que este extranho methodo de equalisar as condições sociaes, é na historia da administração pombalina o systema geral de perseguição sanguinaria a toda a manifestação de liberdade affirmada, de castigo tremendo a toda a transgressão da lei escripta. Chega a não ser preciso desobedecer, basta não gostar completamente do regimen em vigor para ser immediatamente punido por isso. Em 1756 o marquez de Pombal decreta uma gratificação de 400 mil cruzados a todo o delator d'aquelles que disserem mal do seu governo. No mesmo anno como lhe desagrade não se sabe porque, o seu collega no minis-

terio Diogo de Mendonça Corte Real, manda-o sahir de Lisboa dentro de tres horas e prende-o na praça de Masagão até que, cedida essa praça aos marroquinos, é transportado para as Berlengas, onde morreu esquecido e abandonado. Similhante sorte teve o successor de Diogo de Mendonça, Thomé Joaquim da Costa, que o marquez enfatiado mandou, sem culpa formada como o outro, para o castello de Leiria, onde morreu. Em 1753, como a Mesa do Bem Commum representasse humildemente em nome dos commerciantes de Lisboa contra o privilegio exclusivo do commercio do Maranhão e do Grão Pará conferido a uma companhia, encarcera no Limoeiro, sem outra forma de processo, todos os commerciantes peticionarios e o advogado João Thomaz de Negreiro, redactor da petição. Este foi degradado por oito annos para Masagão. Todos os negociantes foram deportados por mais ou menos annos. Em 1757, em consequencia da assuada popular a que deram motivo os monstruosos vexames da Companhia dos Vinhos do Alto Douro, manda ao Porto a famosa alçada que enforca vinte e um homens e cinco mulheres e condemna a degredo, a confiscação e a multa 211 pessoas de ambos os

sexos. Em 1776, para o fim de castigar alguns refractarios ao serviço militar refugiados na Trafaria, manda incendiar de noite as cabanas d'essa pobre aldeia de pescadores e espera n'um cinto de bayonetas caladas os desgraçados que fogem às chammas espavoridos e cegos.

Ninguém podia contar com a vida, nenhuma cabeça se considerava segura nos respectivos hombros. As cartas eram abertas e lidas n'uma repartição especial montada para esse fim. O tribunal da Inconfidencia e a Intendencia Geral da Policia devassavam todos os segredos. Era-se perseguido, preso, condemnado rapidamente, summariamente, sem appellação nem agravo, por uma carta a um parente, por alguns versos, por uma palavra, por um sorriso, por uma simples suspeita. As prisões estavam cheias. No forte da Junqueira, a que verdadeiramente se pode chamar a Bastilha portugueza, morre o conde d'Obidos e o conde da Ribeira. O coronel Thomaz Luiz, accusado de haver recebido em sua casa, na provincia de Minas Geraes no Brazil, um jesuita secularizado, morre na força em Lisboa, provando-se mais tarde que nem o supposto crime de que o accusavam era verdadeiro. O diplomata An-

tonio Freire d'Andrade Encerrabodes, accusado de haver escripto em uma carta particular a um amigo uma phrase desagradavel para o marquez, é desterrado para a Costa d'Africa. O conde de S. Lourenço e o visconde de Villa Nova da Cerveira, unicamente por terem sido os familiares do Santo Officio encarregados por esse regio tribunal, reconhecido e auctorizado, de prenderem o intendente da policia, são sepultados o primeiro no forte da Junqueira, o segundo no castello de S. João da Foz, onde morreu. Na Junqueira estiveram ainda os tres filhos do conde d'Alvor, o letrado Francisco Xavier, mais tarde degredado para Angola; o desembargador Antonio da Costa Freire, que morreu no forte; e muitos outros.

A disciplina militar do conde de Lippe lembra as arias do general Boum, em que a cada phrase corresponde um tiro. Os famosos artigos de guerra, em que os fusilamentos apparecem com tanta frequencia como as virgulas, seriam dignos da musica de Offenbach, se não tivessem sido na realidade um opprobrio da dignidade humana. Pelas culpas mais leves o soldado era mettido ao tornilho, carregado d'armas, amarrado nu a uma espingarda e zurzido

às varadas ou moído às pranchadas d'espadao.

Na vida civil o mando fazia lei indiscutível e absoluta como na vida militar. Por ocasião das famosas festas da inauguração da estatua equestre *ordenou-se* aos ourives e aos particulares que cedessem as suas alfaias para servir á ceia dada á custa do povo pelo senado de Lisboa, cujos amigos comeram tresentas arrobas de doce em tres dias.

Da historia geral das reformas empreendidas pelo marquez de Pombal cumpre separar dois factos culminantes de especial importancia no progresso: a expulsão dos jesuitas e a reforma da instrucção publica.

A extincção da Companhia de Jesus foi no marquez de Pombal, assim como nos demais reformadores regalistas da sua escola e do seu tempo, o resultado de um equivooco.

Toda a gente sabe que a obediencia absoluta e cega é o fundamento da ordem instituida por Santo Ignacio de Loyola, assim como é o fundamento de todo o despotismo monarchico. O fim da Companhia de Jesus foi sempre desde a sua fundação até hoje oppôr ás ideias de livre exame, de discussão e de governo livre, a monarchia abso-



luta e o direito divino. O immenso e insubstituível poder espiritual sobre o qual se fundamentava principalmente o poder temporal dos reis era o poder dos jesuitas. Sem elles as monarchias absolutas careciam de base no espirito e na consciencia dos povos. O marquez de Pombal tendo por unico intuito politico fortalecer e affirmar indestruivelmente e para todo o sempre o dominio absoluto do despotismo monarchico, errou portanto do modo mais pueril, como todos os estadistas monarchicos seus contemporaneos, minando por meio da perseguição aos jesuitas os alicerces da sua propria fundação. Nunca um espirito verdadeiramente superior e penetrante, como por exemplo o do snr de Bismarck, cahiria n'um tal desacerto.

Imagem um architecto que depois de haver construido um palacio de marmore sobre estacas de madeira cravadas no fundo do oceano, rematasse a sua obra serrando as pilastras que a sustinham. Foi precisamente o que fez Pombal, construindo o mais solido regimen despotico sobre os principios da obediencia e do direito divino, e tirando-lhe em seguida debaixo o jesuita, que era o sustentaculo intellectual e moral d'esses mesmos principios.

Auguste Comte, cujo alto e poderoso genio philosophico lança sempre uma tão intensa e viva luz sobre todos os problemas historicos em que põe a mão, escreve sobre a queda da Companhia de Jesus, facto que elle considera como o primeiro dos tres grandes agentes que dirigiram a crise revolucionaria do fim do seculo XVIII, as seguintes palavras: *A abolição da Ordem dos Jesuitas mostrou a decrepitude de um systema destruindo pelas suas proprias mãos o unico poder susceptivel de lhe retardar a queda.*

A extineção da Companhia de Jesus é certamente um dos mais fundamentaes progressos adquiridos para a liberdade e para a civilisação moderna. Attribuir porem e agradecer essa aquisição liberal ao espirito do retrogrado e ferrenho ministro do snr D. José 1.º é cahir n'um contrasenso tão absurdo como seria agradecer a destruição de uma machina infernal ao artifice que a construia e em cujas mãos ella rebentou por um erro de fabrico.

A perfeição no modo consciente e raciocinado de eliminar do progresso a influencia jesuitica consistiria em destruir o jesuitismo mantendo pela tolerancia a independencia do esuita. A prova manifesta de que o mar-

quez de Pombal não tinha consciencia alguma do serviço que contra sua vontade prestou á liberdade está no facto evidente de que, em vez de atacar os princípios da instituição que condemnava, elle não fez mais do que perseguir os homens que a serviam, expulsando-os do reino e sequestrando-lhes os bens, punindo-os e expoliando-os.

Os jesuitas foram-se, mas o jesuitismo ficou. Ficou encarnado e vigente na pessoa do proprio marquez de Pombal, o qual deante da liberdade não é mais do que um Loyola leigo, um Santo Ignacio de casaca de seda e espadim, um pouco mais limpo talvez, mas incomparavelmente menos grande do que o antigo, com menos piolhos mas com muito mais teias de aranha na cabeça.

Expulsor dos Jesuitas, o marquez de Pombal fez do jesuitismo secularizado todo o seu programma de poder.

Santo Ignacio tinha dito: «Se me parecer que o meu superior me prescreve ordens em opposição com a minha consciencia, acreditarei n'elle e não acreditarei em mim.» Na Constituição da ordem diz-se: «Pareceu-nos em Deus nosso Senhor que nenhuma disposição póde induzir obrigação de peccado mortal ou venial, a menos que o superior em

nome de Jesus Christo ou em virtude de obediencia o não ordene.» Na *Medulla theologiae moralis* o padre Busenbaum prescreve no tomo 4, capitulo v: *Quum finis est licitus, etiam media sunt licita.*

Todo o systema governativo de Pombal assenta na pratica d'esses principios definidos pela companhia. Para elle todo o meio é licito quando lhe parece licito o fim, e, substituindo a invocação ecclesiastica de *Nosso Senhor Jezus Christo* pela formula civil de *El-Rey meu amo*, elle arvora a obediencia cega, irraciocinada, absolutamente bruta, em lei fundamental da nação, assim como era lei fundamental da ordem.

A tão decantada reforma da instrucção publica não é mais de que uma das fórmulas de jesuitismo applicado ao ensino.

A instrucção primaria, cultivada sobre a cartilha de Padre Mestre Ignacio, continuou como estava subordinada á Igreja. Os mestres eram obrigados ao receber os ordenados no fim de cada mez a exhibir certidão do parochio attestando que o professor tinha ido á missa com todos os seus alumnos nos domingos e festas de guarda.

Na instrucção superior a sciencia é escrupulosamente decilitrada pelo legislador a co-



pinho por copinho como a geropiga do saber abodegada no casco por conta do lavrador. Nem o alumno pôde beber nem o mestre pôde propinar senão precisamente a doze e a qualidade de licôr prescriptas no regulamento d'este monopolio. Os Estatutos da Universidade são uma especie d'Estatutos da Companhia dos Vinhos do Alto Douro adstricta á cepa torta da intelligencia.

Qual era o vicio capital do ensino jesuitico? Era a subordinação do phenomeno ao dogma, era a sujeição da observação, do exame, da experiencia e do raciocinio ao arbitrio da auctoridade imposta.

O vicio organico da instrucção pombalina é precisamente o mesmo. Em toda essa legislação do ensino publico, o professor é seguido passo a passo atravez de todas as disciplinas que tem de leccionar. Elle não pôde communicar uma só noção que previamente lhe não houvesse sido suggerida pelo legislador. O mestre, segundo Pombal, é uma pura machina de moer artigos de programmas com corda dada pelo Estado para o exercicio de cada anno lectivo.

Que importa, para os resultados finaes de um tal modo de instruir, o maior ou menor numero de faculdades incluidas nas acade-



mias, o maior ou menor numero de disciplinas introduzidas nos programmas? Onde faltam os livres methodos experimentaes falta toda a especie de ordem positiva na coordenação das ideias, e diz o snr Herbert Spencer que quando não ha ordem na instrução de um homem, quanto mais coisas elle souber tanto maior será a confusão do seu cerebro.

A instrução de um povo não pode nunca ser aquilatada pelo numero dos bachareis formados que as ordens religiosas ou os institutos officiaes derramam em cada anno sobre a massa da população, para o fim de a explorarem pela chicana juridica ou de a embahirem pelo palavrão dogmatico ou metaphysico.

A verdadeira instrução nacional tem por base a vulgarisação geral das ideias transmittidas pela maxima liberdade do pensamento, e tem por fim o emprego das faculdades intellectuaes de todos os cidadãos no exercicio dos seus direitos politicos e dos seus direitos civis.

Quando a instrução publica assenta pelo contrario em um campo de doutrina arbitraria imposta por um legislador em nome de um regimen politico, de uma escola philo-

sophica ou de uma seita religiosa, ha uma coisa muito mais util do que ministrar essa instrucção, e é não ministrar instrucção nenhuma. A falsa instrucção é um veneno inoculado no homem. A simples ignorancia, pela sua parte, é uma das grandes forças do espirito. Se não fosse a santa ignorancia, pura e convicta, que resistiu pelo bom senso ás differentes epidemias eruditas de cada seculo, a escolastica e a metaphysica teriam dado cabo da humanidade.

Concluindo pois, repetimos que o Marquez de Pombal, expulsando os jesuitas e reformando os estudos, não extinguiu o jesuitismo, secularisou-o apenas, deslocando-o da ordem religiosa para a ordem civil, arrebatando-o aos padres para o encabeçar nos agiotas, nos desembargadores, nos generaes e nos doutores de capello.

O jesuita é perfeitamente odioso e repulsoivo pela acção sinistra que durante tresentos annos tem exercido sobre a immobilisação da intelligencia, sobre a depressão da dignidade do homem; mas o jesuita é pelo menos coherente e logico comsigo mesmo; sabe nitidamente o que quer, tem perfeitamente correlacionados os seus meios com os

seus fins e vae ao seu destino preconcebido com uma exactidão geometrica, com uma firmeza implacavel; sem uma unica tergiversão de linba, sem um unico erro de calculo. O jesuita cae dentro dos seus proprios principios como na antiga tactica militar os generaes vencidos cahiam dentro do quadrado, — com todas as baionetas voltadas para o inimigo.

N'esta maneira de acabar ha um ar de grandeza que nos obriga a nós outros, revolucionarios vencedores n'este momento historico, a tirar o chapéu e a saudar a coherencia dos vencidos.

Os estadistas da monarchia absoluta, com as suas leis, os seus exercitos e os seus principes, morrem feridos pelas suas proprias armas, morrem pela discordancia entre os fins propostos e os meios empregados, morrem por haverem abraçado, em vez da taboa de salvação em que fluctuariam, o trambolho de chumbo que os afunde.

As catastrophes assim determinadas pela insufficiencia intellectual n'uma classe dirigente, tornam a derrota comica e a ruina grotesca.

O historiador snr Henri Martin pergunta:

«O que é que faltou á companhia de Jesus para que ella conseguisse realizar os seus planos dictados pelo genio?» E o mesmo historiador responde: «Faltou-lhe a *rectidão*, faltou-lhe a *franqueza*, faltou-lhe o espirito verdadeiramente religioso, o qual unicamente podia restituir á natureza os seus direitos sem attentar contra as leis eternas do bem e da verdade.»

O marquez de Pombal, expulsor dos jesuitas e successor d'elles, cabiu por modo mais ridiculo mas por eguaes causas. O que faltou no plano pombalino, concebido, como temos obrigação de o acreditar, no intuito de accelerar o progresso e a prosperidade da patria, foi a *rectidão*, foi a *franqueza*, foi esse espirito de abnegação e de magnanimidade que na egreja se chama *religião* e que na sociedade se chama a *justiça*.

A sociedade portugueza refeita á bordoadada pelo despotismo pombalino offerece o aspecto servil e vergonhoso de um Paraguay burguez, incondicionalmente aforado a uma burocracia tarimbeira governada por um dos mais antipathicos mandões que ainda viu o mundo.

Solida natureza mesquinha mas atarracada, reforçada pelos quatro couros sobrepos-



tos do merceeiro, do esbirro e do cabo d'esquadra, Sebastião de Carvalho — feliz nome onomatopico de que parece rever uma rigidez de cacete e uma espessura de baluarte — fez de Portugal á força de leis e de sentenças d'açoite, de sequestro, de prisão, de degredo e de morte, um paiz de seminaristas e de recrutas, subserviente, medroso, imbecil.

Viu-se o que essa sociedade miseravel tinha dentro logo que por morte do dictador ella se julgou desaffrontada e começou a desabotoar-se ao sol.

O reinado de D. Maria 1 é todo a influencia pombalina virada com o dentro para fora e mostrando o miolo de que o reinado anterior fôra a casca.

Nunca a moral, a arte, o gosto, os caracteres, os costumes attingiram um mais sordido rebaixamento. Levantaram-se as calumnias mais torpes contra o ministro demittido e desgraçado, e uma alluvião de escriptos em prosa e em verso, da mais chilra insipidez, inundou as salas da aristocracia e da burguezia aristocratisada, onde as senhoras merendavam e resavam a nōvena aninhadas no chão, esconjurando o ante-christo desterrado em Pombal, entre as graçolas dos pa-



dres e dos bobos, n'uma athmosphera toireira e beata, cheirando a insenso, a estrume de cavallo, a ureia de batina e a ovos molles.

O marquez não deixara um só homem de pulso, um unico amigo fiel e generoso que o deffendesse na adversidade. A monarchia a que elle submettera tudo, tornando-a absoluta, discricionaria e omnipotente, escorraçava-o e perseguia-o, — que é sempre assim que os reis pagam aos plebeus cuja força os assombra embora os mantenha e os sirva. O marquez de Pombal acabou como Colbert, o qual ao annunciarem-lhe, já moribundo, a visita de um enviado de Luiz XIV, recusou recebê-lo exclamando: «Não me deixará esse homem acabar de morrer em paz? Se eu tivesse feito por Deus metade do que fiz por elle, estaria certo n'esta hora da salvação da minha alma, e assim não sei o que será de mim.»

O governo pombalino, pelo terror que conseguiu inspirar e por meio do qual dobrou ao arbitrio do seu programma todas as energias nacionaes, produziu em ultimo resultado esta catastrophe enorme — a obediencia geral.

Toda a obediencia é uma diminuição de

valor e de dignidade. Onde a liberdade existe não ha nunca obediencia, ha apenas accordo. A obediencia é dos fructos do despotismo o mais venenoso. O homem que obedece avilta-se; o povo que obedece deprava-se e dissolve-se.

Os individuos que por occasião do centenario do marquez de Pombal se encarregaram de encarecer os louvores d'este estadista, não cessaram um momento de nos explicar que os actos d'elle se não podem julgar com justiça pelas nossas ideias d'hoje, mas pelas ideias do seu tempo; e insistem n'isso de um modo proprio para fazer reear que, á força de procurarmos ideias antigas, tenhamos talvez, para ser justos, de julgar este personagem sem ideias nenhuma.

Se quizerem fazer o favôr de nos conceder que Turgot foi um contemporaneo do marquez de Pombal — o que aliás a chronologia parece demonstrar com uma imparcialidade indiscutivel — nós permittir-nos-hemos contrapôr algumas ideias do ministro de Luiz XVI ás do ministro de D. José, e o leitor julgará d'essa breve approximação de factos se o estado geral das ideias no fim do seculo XVIII é sufficiente para explicar o atraso das doutrinas economicas e dos prin-

cipios moraes com que nos governou o marquez de Pombal.

Turgot não crê na acção das monarchias absolutas sobre a felicidade dos povos, e ao mesmo tempo em que Pombal eternisa pelo bronze da estatua equestre o despotismo de D. José, o ministro francez diz a Luiz XVI: *La cause du mal, sire, vient de ce que votre nation n'a pas de constitution*. Na mesma epoca em que o ministro de D. José mandava annullar por apocrypho o livro de Velasco de Gouveia, no qual se ennuuciava o principio da soberania nacional, e exautorava o presidente do Desembargo do Paço, Ignacio Alvares da Silva, por que elle exposera a doutrina de que a lei civil em materias de casamento só podia ser alterada pelas côrtes da nação, Turgot instiga o herdeiro de Luiz o Grande, o Rei Sol, a reconhecer os direitos do povo firmando com elle o pacto constitucional.

Turgot punha acima da subserviencia dos thronos e da superstição dos altares a confiança no genio bemfazejo do homem. Foi n'essa convicção que elle escreveu sob um retrato de Franklin a epigraphe famosa, que sob o regimen pombalino o teria feito condemnar pelo Santo Officio ou pela Mesa Sen-

soria: *Eripiut cælo flumen sceptrumque tyrannis.*

A prosperidade nacional que Pombal procurou fundar no monopólio, na coerção e na tyrannia, procurou Turgot estabelecer na liberdade, *creando as municipalidades, separando a igreja do estado, decretando a liberdade da terra (1775), a liberdade da industria e do commercio (1776), a liberdade da razão (1777).*

Emquanto Pombal intentava cegamente firmar a monarchia absoluta nos excessos de rigor que deviam contribuir para a aniquilar mais depressa, Turgot previa pela tolerancia tudo quanto podia tornar progressiva a acção da realza, poupando á humanidade os rios de sangue que ella havia de ter que derramar para chegar ao progresso apesar dos obstaculos que governos como o de Pombal lhe opposeram.

Condorcet, que já citamos, diz na sua biographia de Turgot: «As leis que preparam as mudanças necessarias podem ser diferentes para os diferentes povos, porque são feitas contra abusos e contra abusões que não teem nem a mesma origem nem os mesmos effeitos; mas as leis que, em seguida a essas, estabelecem a ordem mais util á so-



cidade devem ser as mesmas, pois que devem ser fundadas sobre a natureza do homem.»

A differença capital entre o ministro de Luiz XVI e o de D. José é essa: que a politica d'um, fundando-se *no poder absoluto dos reis*, atrasava para muito tempo a liberdade do povo; a outra, fundando-se na *natureza do homem*, auxilia, quanto o póde auxiliar um estadista, o progresso moral da humanidade.

Voltaire, aos oitenta annos de idade, no momento em que Paris o acclamava e o cobria de corôas no meio do maior triumpho de que ainda foi objecto um homem d'espirito, apeou-se em publico da sua carruagem forrada de setim azul e cravejada de estrellas d'ouro, e dirigindo-se a Turgot perdido na multidão, cahiu de joelhos banhado em lagrimas aos pés d'elle, e disse-lhe: *Deixe-me ter a gloria de beijar a mão que assignou a salvação do povo.*

A mão do marquez de Pombal, cheirando a sangue como a de Lady Mackbet, envenenaria os beijos que lhe tocassem. Por isso elle triumphante não teve nunca, como Turgot vencido pela intriga de Maria Antoinette, a consagração augusta do livre espirito da humanidade representado por Voltaire. Teve



apenas as honras de um centenario contradictorio celebrado em nome da liberdade pelos representantes de todos aquelles que elle opprimiu em nome do despotismo: pela industria que paralysoou deslocando-a da tradição historica e baseando-a em elementos exóticos e postiços; pelo commercio que entrou por meio dos monopolios; pela arte que abastardou tyrannizando-a pelo mais chato mau gosto; pela democracia que esmagou sob condemnações d' açoite, de carce, de deportação, de degredo e de morte; pela mocidade emfim, de cujas altas e desinteressadas aspirações elle foi a negação accintosa e brutal, porque o seu espirito d' odio, de cavilação e de mentira, era um espirito organicamente velho, marcado de nascença pelo vicio da senilidade ingenita.

\*

\* \*

Estamos cansados de ouvir dizer de todos os lados, por todos os oradores e por todos os articulistas da festa pombalina, que é absolutamente preciso, para nos pôrmos á altura de admirar com o devido respeito o vulto do marquez de Pombal, collocarmos no *devido ponto de vista*. Em desconto

dos erros que tenhamos commettido, cumpre-nos declarar, terminando, que ignoramos completamente qual é o tal ponto de vista em que é necessario que a gente se colloque.

Para escrever estas linhas nós collocamos simplesmente n'uma cadeira, em frente do vulto e de um caderno de papel. Visto n'essa situação tranquilla, a olho desarmado e sereno, o unico effeito que nos fez o vulto, apparementado com o seu calção e meia, a sua grande casaca de seda, as suas fivelas, a sua luneta e o seu rabicho, foi o de se parecer com o dos chéchés. E é o que francamente te communicamos, na honrada sinceridade de bom homem para bom homem, ó leitor amigo.

Emquanto á estatua do reformador, em que se falla como complemento do centenario a cuja celebração acabamos de assistir, ella seria, se a fizessem, o monumento funebre elevado á morte da democracia ou á do senso commum na sociedade portugueza. Mas não a farão nunca. E' já de mais a do Terreiro do Paço para consignar a estima d'este povo pelo charlatanismo dos seus tyrannos.

O rei D. José é absolutamente indigno de estar posto por meio de uma peanha

não só acima do nível mas á simples altura de qualquer cidadão honrado. Mero heroe das alcovas dos outros, esse principe rufião está abaixo do proprio Luiz xv, de apodrecida memoria. Luiz xv teve um merecimento pelo menos no seu reinado, teve por amante a encantadora amiga de Diderot, Madame de Pompadour, a cuja ligação o rei de França deveu a honra de poder cear algumas vezes em *petit comité* com alguns dos homens de espirito que escreveram a *Encyclopedia*. D. José nunca exerceu o seu donjuanismo senão entre beatas insipidas, mais pobres ainda de talento que de pudor.

Quando chegar a hora da justiça não é a estatua do marquez de Pombal que se ha de erigir, é a de D. José que se ha de apear. No monumento do Terreiro do Paço o unico que merece continuar a contemplar Cacilhas é o cavallo. Cumpre rehabilitar, na estima que se lhe deve, o nobre e util animal, desafrentando-o do cavalleiro, que nunca prestou para nada n'este mundo, e honrando-o em nome do trabalho honesto com o appenso de uma charrua.

Lisboa 10 de junho de 1882.

*Ramalho Ortigão.*

EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA  
EDITORA

TRAVESSA DA PALHA 140, 1.º—LISBOA

---

AS RAÇAS HUMANAS

Esta obra é illustrada com 265 esplendidas gravuras, parte intercaladas no texto e parte de pagina inteira, contendo, além d'isso :

*8 lindissimos chromos-lithographias*  
representando estas e aquellas os principaes typos das familias humanas.

E' esta uma das mais bellas publicações illustradas, que existem em França e devida á penna d'um dos mais fecundos e laureados escriptores scientificos

LOUIS FIGUIER

O nome do auctor é sobeja garantia da belleza da obra, e a Empresa editora, desejando apresentar uma serie de magnificas publicações illustradas, não olhou a obstaculos ; tem diante de si o desejo de que os livros que editar sejam de maximo merecimento litterario e artistico, de fórma a divulgar instrucção, e por isso escolheu esta tão util como instructiva publicação.

E' um livro preciosissimo e que todos os paes de familia devem dar a seus filhos.

A publicação é feita em formato 8.º grande, magnifico papel, esplendida impressão, sendo o typo completamente novo, mandado fundir expressamente para esta publicação, verdadeiro primor.

Veude-se em Lisboa no escriptorio da EMPREZA, rua dos Correeiros, 140, 1.º (vulgo) Travessa da Palha.

---

NO PRELO:

**O HOMEM PRIMITIVO**



ESCA de QUEIROZ

RAMALHO ORTIÇÃO



S. Ph.  
A. H. S.

hello

Lisboa—Typ. da Empresa Litteraria Luso-Brazileira—Editora  
5—PATEO DO ALJUBE—5



EÇA DE QUEIROZ — RAMALHO ORTIGÃO

---

AS FARPAS

*Chronica Mensal*

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

---

QUARTA SERIE

N.º 2

---

NOVEMBRO A DEZEMBRO

---

1882



LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA — EDITORA

140 — RUA DOS CORREIROS — 1.º

---

1882

Ironia, verdadeira liberdade! És tu que me livras da ambição do poder, da escravidão dos partidos, da veneração da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiração das grandes personagens, das mystificações da politica, do fanatismo dos reformadores, da superstição d'este grande universo, e da adoração de mim mesmo.

P. J. PROUDHON.

## SUMMARIO

---

Congressos catholicos e ideias clericas — Anjos e reprobos — As influencias ecclesiasticas na sociedade portugueza — A egreja e as mulheres — Os nossos padres, padre de missões, padre d'aldeia e padre de sala — Os clubs e as sacristias — O jogo, a batota, o rei dos lusos e o rei de copas, a rusga, a *cacca* — Doutor Jardim, sabio, e Rosalia, dama illustre — Novas applicações da mobilia á critica litteraria — A moderna arte portugueza e as escamas da corvina — O jornalismo em Braga — O partido legitimista e a bandeira branca de Senna Freitas — Sampaio e Saraiva de Carvalho — A augusta princeza anjo da caridade

e do bric-à-brac — Tragico fim de um gato d'esse anjo — Fausto e jocundo desacato de s. ex.<sup>a</sup> o ministro da justiça por s. em.<sup>a</sup> o nuncio de sua Santidade — A urna e a corveta Stephania — Os commendadores e os cães de faiança — Milagrosa reaparição de Nossa Senhora Aparecida.

---

— « **S**E DEUS approva, que tenha a bondade de se deixar ficar sentado... Está approvedo.»

Tal é, resumidamente exposta, a commoda maneira de votar por meio da qual não só o congresso catholico, reunido recentemente em Lisboa, mas muitos dos concilios ecclesiasticos que precederam este, se mettem de gorra parlamentar com os legisladores do ceu e constataam a approvação da divindade ás deliberações tomadas pelos clerigos. Para esses cavalheiros, — papas, bispos, conegos, simples padres d'enterro ou sacristães — Deus é absolutamente a mesma coisa que é para o snr Fontes a sua maioria regeneradora, o que quer dizer: uma entidade encarregada de assistir á apresentação dos decretos e de dar o sim.

\*

\* \*

Nos sermões de penitencia das nossas villas e aldeias o truque é o mesmo que nos concilios, mas reforçado com um cordel.

O orador sacro, encarregado pela remuneração de 35600 em dinheiro e um prato de especiones com vinho fino, de refrescar para commodidade das almas em cada uma das domingas da quaresma os ardores do purgatorio, irrigando de eloquencia e de latinidade esse recinto de clarificação espiritual, começa por pôr Deus no throno do altar mor, sob a figura do Senhor dos Passos escondido atraz de uma cortina rôxa, e dirige-se em seguida para a cadeira da verdade, acompanhado de uma ponta do barbante com que se ha de puxar a cortina. No final da predica, á peroração, o ecclesiastico, depois de haver enxugado a um dos lenços estendidos sobre o parapeito do pulpito os 35600 de transpiração escorrida pela frente e pela região cervical, pega no cordel, volta-se para a cortina, faz uma venia e diz:

«Senhor! se minha debil voz, eccoando n'este auditorio conspicuo, a cuja frente diviso o veneravel vulto do illustre conselheiro d'es-



tado honorario, presidente d'esta benemerita irmandade, — se minha debil voz, digo, conseguiu levar ao vosso coração amantissimo a convicção do arrependimento em que se acham immersas as almas que ora vedes prostradas a vossos pés, dignae-vos, Senhor, de apparecer para ouvirdes nossos votos. Apparecei, Senhor! Porque não appareceis?!»

E por meio da bem conhecida e sempre efficaz figura de rhetorica intitulado obsecração, — um dos mais arrojados e vehementes de todos os tropos, — o orador, dirigindo-se sempre á cortina, com bola de mão para a lacriosidade dos fieis, faz sentir a estes por tabella que é mister que elles soluçam durante alguns minutos para que Deus lhes appareça e lhes perdoe. Os fieis então desatam em suspiros de corrente pranto, e o ecclesiastico, acabando enfim por lhes dar Deus de presente, cae elle mesmo prostrado de commoção e de espanto na borda do pulpito, como se nunca em sua vida lhe houvesse apparecido um tão portentoso milagre como esse de se correr a mesma cortina que occulta a imagem do Senhor dos Passos, a que elle tem por officio nuxar os cordeis em todas as quaresmas, á

razão de trinta e seis tostões por tarde, além do beberete.

\*

\* \*

Nos congressos dispensam de ordinario o barbante corroborativo da oratoria sacra.

Apenas nomeada a mesa que tem de presidir aos debates, os clérigos persignam-se, abancam, poem deante de si os rapés, e passam desde logo a redigir a acta, dando como presente, entre as pessoas do clero, a do divino Espirito Santo, representado sob a fórma de volátil symbolico e para este effeito invisivel.

Emquanto a fazer approvar pela divindade dada como presente na acta, tudo aquillo que elles se lembram de resolver em commum, consideram os clérigos — e mui judiciosamente segundo se nos affigura — que é inutil estar a puxar-lhe por guitas, tendo com Deus a mesma massada que se tem com as marionettes.

N'esse presupposto o que os padres decidiram foi o seguinte:

«Sempre que Deus houver de regeitar alguma das nossas resoluções, que se mani-

festes n'esse sentido. Não se manifestando, entende-se que está de accordo.»

Com o qué, dão a palavra aos snrs membros que tenham que propôr coisas para approvar.

\*

\* \*

Ora Deus, na sua qualidade de ser supremamente sabio, segue, como é notorio, o systema habitual de não se manifestar nunca, quer seja para approvar, quer seja para desapprovar aquillo que um maior ou menor numero de padres, reunidos para esse effeito, determinem expor-lhe.

E' claro que lhe não faltava agora mais nada, ao grande bom Deus, senão sahir de toda a parte, onde dizem que está, para vir ali assim á capella do Marquez de Castello Melhor, ou a qualquer outra, estabelecer dialogo com o Padre Viegas ou com o Padre Garcia Diniz, para o fim de os cumprimentar ou de os mandar á fava pelos seus discursos!

Succede por tanto que de todas as vezes que alguns sacerdotes, em folga por falta de missas ou de enterramentos, se aggregam a alguns seculares mordidos pelo bi-

cho carpinteiro do zêlo, e decidem juntos decretar mais fervor á devoção das massas afim de que estas mandem dizer mais missas ou se façam enterrar mais vezes, Deus, misericordioso e benigno, sorri de indifferença ineflavél nas profundidades immaculadas do azul e deixa o clero decretar, exactamente com a mesma longanimidade com que deixa a herva crescer.

\*

\* \*

Não affirmaremos porém em absoluto que esta enorme frescata de chinquillo, esta semcerimonia de bisca emparceirada com o Eterno pelos sacerdotes, não possa uma ou outra vez offerecer alguns ligeiros perigos, apertando-se de mais com o fiado.

Toda a familiaridade tem limites. Deus de quando em quando se pronuncia, posto que indirectamente, no sentido de recordar essa discreta maxima áquelles religiosos que abusam, dando-se ares de privar ainda mais com o ceu do que privam com o proprio botequim do Martinho.

Ainda ha pouco no parlamento hispanhol se deu um facto proprio para provocar em

nosso espirito amargas conjecturas sobre os inconvenientes de nos tornarmos nojosos á força de sermos nimiamente prolixos em nossas intimidades com o Divino.

É de saber que o augusto pretendente D. Carlos, depois de haver consumido nas roletas do exilio, com o bello sexo estrangeiro e em devoções castelhanas, os bens da sua corôa, se achou reduzido ao mais invejavel estado de pureza christã, não tendo de seu senão facturas de fornecedores que pagar, a benção apostolica de Sua Santidade e o direito divino.

Para sustentar esse direito nas côrtes da nação hispanhola havia um deputado especialmente incumbido de narrar á Peninsula tudo aquillo que Deus continuava a fazer pelo mui catholico principe D. Carlos, desde que D. Carlos, com a sua forza desarmada e posta em penhor n'um banco de Londres, deixára de fazer por Deus coisa que se visse suspensa por corda no espaço.

Pois bem, o que ultimamente succedeu foi que: o deputado alludido, ao principiar a usar da palavra para mais uma vez introduzir a divindade n'uma falla aos de Castella, cahiu subitamente môrto.

Os anios haviam-o chamado ás alturas



estendendo-lhe do empyreo o ascensor de Jacob a que na terra damos o nome vulgar mas expressivo de apoplexia.

Acontecem d'estas ás vezes!

Os fieis, a poder de mandarem os philosophos ao diabo, arriscam-se um pouco a acabar como o hispanhol, fulminados repentinamente pelo Altissimo, ao reconhecer-se que effectivamente não estão satisfeitos com a marcha que modernamente tem tomado as coisas sobre a esphera terrestre.

\*

\* \*

O mais vulgar porem, da parte de Deus, é a indifferença imperturbavel pelo ardor, ainda o mais comichoso, d'aquelles que servem a sua igreja, pondo-se de Deus á esquina para a gente e vibrando (a religião como a grande moca benzida com que atiram á testa de quantos andam a ganhar a sua vida por este mundo, enquanto suas excellencias estão em folga temporal nas sacristias, locupletando-se de bemaventurança futura e d'hostias quotidianas.

Assim como nós outros fundamos camisarias ou estancos, fundam elles agencias e

sucursaes do ceu por sua conta, despachando os requerimentos dos candidatos a anjos, designando em dias de juizo trimestraes, como os exames de frequencia, os eleitos e os reprobos, e sentando desde logo uns á mão direita e outros á mão esquerda do bem conhecido redactor principal e leitor unico da *Nação*, o snr Fernando Todo Pedroso.

\*

\* \*

Garibaldî, por exemplo, escusa de pensar em entrar jamais no ceu com a sua famosa camisola, cujo vermelho ardente poria ao longo da Via Lactea um rubôr d'aurora. Garibaldi que se aguenta como puder nas profundidades do inferno, pequeno de mais talvez para conter toda a paixão de liberdade que encheu na terra o seu coração maldito. Elle levou uma fava preta do Todo Pedroso snr Fernando, e S. Pedro está prevenido.

Os doze pescadores, que, á voz de Jesus fallando-lhes na montanha, abandonaram as redes para levar palavras de consolação a todos os opprimidos atravez do universo, não quereriam ao pé de si lá em cima esse official do mesmo officio que tantas vezes

abandonou a barca amarrada ao rochedo de Caprera para ir com uma espada na mão arriscar a pelle, não já para consolar, por meio de sermonarios, da liberdade perdida, como nos apologos da biblia, mas para pôr definitivamente a liberdade onde estava a oppressão. S. Paulo, que procedia litterariamente, por meio de epistolas, como Madame de Sévigné, não consentiria de boa mente que se puzesse ao lado da sua penna platonica a espada cheia de bôccas de um companheiro que procurou como pôde fazer por obras n'esta vida o que elle apenas prometteu em doces palavras para a outra. — Assim o decidiram, pitadeando-se de *commun accord* sobre o caso, o reverendo Viegas e o reverendo Garcia Diniz, em conselho de sacristia, sob a presidencia do Todo Pedroso.

\*

\* \*

O nobre conde de Santiago, pelo contrario, é recebido por aclamação, com a sua chapeleira e o seu ripanso, no comboyo expresso, organizado por estes senhores, do Passeio Publico para a Bemaventurança. Esse piedoso fidalgo está nomeado secretario do

congresso catholico, o que lhe dá no seio da christandade honras antecipadas de serafim. Com o privilegio de redigir as actas do sagrado concilio o nobre conde acha-se concomitantemente investido no direito de poder andar d'azas, desde já, por este mundo. Mais alguns mezes de fervor e de secretariado da parte de s. ex.<sup>a</sup>, e poderemos alimentar a esperança de o ver ainda atravessar o Chiado como o atravessam os perus, isto é—em pennas. A natural pudicia de s. ex.<sup>a</sup> lhe vedará porém talvez o circular entre os viventes vestido unicamente com os espanadores dorsaes destinados ao convivio dos cherubins no gallinheiro celeste.

\*

\*   \*

O aspecto do recente congresso catholico do Passeio Publico (lado occidental) tal como os noticiarios nol-o descrevem parece-nos de uma pompa particularmente modesta, destinada a não excitar represalias da parte do snr. França Neto.

Meia duzia de padrecas, com as suas sobrecasacas dominicaes e os seus chapéus altos anediados de novo para decoro das co-

rôas subjacentes, mais outros tantos seculares vestidos de preto e puxados á substancia do panno fino pela benzina expurgante, postos todos em volta de uma meza a assoarem-se uns para os outros com emphase, dão-nos menos a ideia de um ajuntamento triumphante de convicções victoriosas do que o painel de um simples ciprestal sentado, — com defluxo.

Alem de solicitar a benção apostolica, o congresso catholico de Lisbôa resumiu os seus trabalhos em duas unicas resoluções: fundar uma universidade catholica e requerer dos poderes publicos que por meio da sua policia elles façam respeitar nas ruas as pessoas dos ecclesiasticos, presentemente apupados pela multidão, segundo elles mesmos dizem, sempre que apparecem em publico revestidos de habitos sacerdotaes. O que, a ser exacto, é precisamente a mesma coisa que succedia em Paris ao padre Lacordaire no tempo da Restauração. Notando-se que a Restauração foi de todos os governos em França aquelle que mais protegeu o clero, fica-se em duvida sobre se a intervenção do governo será o meio efficaz de garantir aos ecclesiasticos a deferencia e o respeito, que ninguem jamais lhes recusa nos paizes de liberdade



religiosa, em que o Estado é atheu, como na America do Norte.

★

★ ★

Se compararmos o espirito e o aspecto d'esta assembleia catholica com algumas reuniões do mesmo genero celebradas na Europa durante o decurso dos ultimos annos, somos obrigados a confessar que o prestigio do sacerdocio decae de um modo sensibilizador.

No congresso belga, por exemplo, reunido em Malines no mez d'agosto de 1863, o numero dos adherentes era de 3:000. Na cathedral de Saint-Rombaut, o cardeal-arcebispo Sterchx celebrou a missa solemne d'abertura, depois da qual os membros do congresso seguiram em procissão para a vasta sala das sessões, engrinaldada de festões de rosas e empavesada de tropheus de todas as bandeiras da christandade como uma enorme nau em triumpho. No topo do salão o estrado destinado á meza era coberto por um docel de velludo carmesim franjado d'ouro sobre o qual se destacava na doce pallidez do marfim uma imagem de Jesus cravado de brilhantes na cruz d'ebano. Esveltos soldados

da milicia papal, em grande uniforme, de capacetes rutilantes e bigodes recurvos, fazem alas tendo ao tiracollo as bandas symbolicas de seda branca e ouro. O alto clero que vem tomar assento na assembleia passa em pompa, gravemente, por cima do tapete de Smirna desenrolado ao longo da sala. A' frente, os cardeaes com as suas purpuras roçagantes; depois os bispos inglezes, os de Gand, de Tournay, de Namur, appoiados aos seus baculos, e os sacerdotes do rito armenio, de grandes barbas, chapéus altos sem abas com veus roxos, empunhando as suas longas bengalas de castão de ouro.

Foi no congresso de Malines que De Montalembert, o antigo collaborador do abbade Lamennais, proferiu o seu monumental discurso sobre a egreja livre no estado livre. De Montalembert acreditava ainda na possibilidade de uma alliança entre o espirito ecclesiastico e o espirito scientifico do mundo moderno, e o seu discurso é n'esse intuito um manifesto de uma rara eloquencia apaixonada, profundamente convicta.

«Em toda a parte excepto na Belgica — disse elle — os catholicos são inferiores aos seus adversarios na vida publica, porque os catholicos não souberam ainda congrassar-se

com a grande revolução que gerou a nova sociedade, a moderna vida dos povos. Em presença da sociedade moderna os catholicos sentem-se timidos e confusos; tem-lhe medo. Não aprenderam por emquanto a conhecer, a amar a sociedade em que vivem. Muitos estão ainda, pelo coração e pelo espirito, ligados ao antigo regimen, isto é, a um sistema que não admittia nem a egualdade civil, nem a liberdade politica, nem a liberdade de consciencia. O antigo regimen tinha o seu lado grande e bello; não pretendo julgal-o aqui, e muito menos pretendo condemnal-o. Basta-me reconhecer-lhe um defeito, mas esse capital: está morto, e nunca mais resuscitará.»

Em seguida Montalembert demonstra que n'este seculo a igreja ou ha de cessar de existir ou ha de viver na democracia e na liberdade. A igreja, ou não tem mais que fazer no mundo; ou tem que contribuir ainda como nos tempos que fizeram a gloria do seu passado, para a perfectibilidade do espirito humano, intervindo no progresso pelo combate da livre razão contra todas as usurpações, contra todos os privilegios, contra todas as tyrannias exercidas sobre a inviolavel fraternidade humana.

A liberdade é uma só, unica, indivisivel e sagrada, expressa pelo predominio dos poderes espirituaes sobre os poderes temporaes, representada na parte dynamica pela sciencia, na parte statica pela religião.

Na sciencia a liberdade consiste no direito de descobrir a verdade e de a proclamar sem disfarce e sem restricção alguma como base das relações do homem com o homem na independencia absoluta da revelação e da fé. Na religião a liberdade consiste, como dizia Guizot, no direito que tem a consciencia humana de não ser governada nas suas relações com Deus por decretos ou por castigos humanos.

«Catholicos — disse Montalembert — se quereis a liberdade para vós, entendei-o bem, é preciso que a queiraes igualmente para todos os homens e debaixo de todos os ceus. Se a pedirdes para vós unicamente, não a tereis nunca: dae-a em toda a parte onde fordes senhores para que vol-a deem em toda a parte onde fordes escravos.»

Esta energica apologia da liberdade, entusiasticamente applaudida, levou o congresso de Malines a ridigir nos seguintes termos uma das resoluções da assembleia:

«E' do interesse dos catholicos, assim como

de todos os cidadãos que sinceramente que-rem a liberdade, o substituir quanto possível a intervenção e a omnipotencia do estado pela energia creadora e pelo principio expansivo do espirito de associação.»

\*

\* \*

Vejamos agora quaes foram os resultados praticos d'esse grande impulso de eloquencia destinada a fazer entrar o catholicismo no movimento liberal da moderna civilisação. Os destinos da igreja n'este fim do seculo XIX estão profundamente ligados a esse factio culminante na historia das ideias clericas.

O que succedeu no congresso de Malines foi que os cardeaes e os bispos abandonaram a reunião no dia immediato áquelle em que Montalembert fizera o elogio da alliança da igreja catholica com a sciencia e com a liberdade.

Compareceram apenas nas sessões subsequentes os membros obscuros do baixo clero, os quaes movidos de um generoso impulso democratico continuavam a applaudir Montalembert, não sem perguntarem a si mes-



mos com certa inquietação o que se pensaria em Roma dos discursos e das resoluções do congresso belga. A resposta não se fez esperar. Tres ou quatro mezes depois Pio ix escrevia ao arcebispo de Munich uma carta, em que pela maneira mais formal censurava a audacia dos catholicos que ousavam reunir-se em congressos para proclamarem por sua conta a *liberdade da sciencia*.

Esta missiva, pouco terna para com os congressistas de Malines, não obistou a que elles se reunissem ainda uma vez em agosto de 1864. Montalembert não compareceu. Fallaram o padre Hyacinthe e o arcebispo Dupanloup n'um sentido que, apesar de moderado, não pareceu sufficientemente retrogrado a Sua Santidade. O papa respondeu ás utopias liberaes do congresso com a publicação do *Syllabus* e da encyclica *Quanta cura*, cortando assim pela raiz e de uma vez para sempre toda a illusão de um accordo entre o espirito ecclesiastico e o espirito da civilisação.

Em presença d'esses factos, os congressistas de Malines tinham duas resoluções que tomar: submeter-se e acceitar a doutrina da encyclica e do syllabus, ou reagir e protestar. O primeiro caso era a retracta-

ção vergonhosa de todos os principios affirmados e de todas as aspirações manifestas no congresso; o segundo caso era a revolta e o schisma no gremio da igreja.

N'esta conjunctura escabrosa o congresso preferiu dissolver-se.

Desde esse dia o destino do catholicismo ficou fixado.

Entre os interesses do clero e os interesses da civilisação ha uma barreira que os proprios padres, ainda os mais instruidos e os mais liberaes, julgaram impossivel transpôr.

\*

\* \*

Ora desde que não póde ser um alliado, o que está evidentemente demonstrado, o padre é um inimigo. Para o combatermos a nossa primeira obrigação é tomar conhecimento das forças de que elle dispõe para nos prejudicar. Sobre este ponto a resolução tomada pelo congresso do Passeio Publico de pedir a intervenção da policia civil para evitar que o povo troce o clero, tranquilisa-nos satisfatoriamente.

Torquemada requerendo para a queima dos sacrilegos um lampejo emprestado ao chi-

farote do habil Antunes é um symptoma doce. O congresso propõe-se morder os impios com a condição de que os impios lhe pontham as presas. E' a S. Bartholomeu a troço de um dentista. Se os querem ver canhar o côro dos punhaes, cedam-lhes o Vitry.

\*

\* \*

A unica coisa grave e perigosa para a sociedade, no congresso catholico de Lisboa, é que, segundo parece, esse congresso foi divertido. As senhoras pelo menos assim o entenderam concorrendo em grande numero a todas as sessões.

Que attractivos especiaes tem a classe ecclesiastica para captivar assim as adhesões da mulher?

Investigando este phenomeno, vemos em primeiro lugar que ha em Portugal tres especies distinctas de padres: — o padre das missões, o padre d'aldeia e o padre de sala.

\*

\* \*

Os padres das missões subdividem-se em dois grupos differentes: os aventureiros e os mystics.

Os aventureiros viajam ordinariamente para a Africa por especulação temporal, por amor á vida d'emigrante, á lavoura dos tropicos, ao lucro mercantil, á intriga da politica colonial e á batota ultramarina. De quando em quando, ao apparecerem-lhes a mão, arrebanhados, alguns centos de pretos mansos e somnolentos, baptisam-os em massa, — cerimonia tocante a que os pretos e submettem adormecidos como verdadeiros justos, conscios por experiencias feitas e que essa operação, altamente civilisadora posto que inoffensiva, os não torna nem mais nem menos pretos do que elles são.

Os mysticos, mais raros, são pessoas dotes da hallucinação do martyrio. A sua ambição suprema consiste em serem comidos ás fatias fritas, com mandioca, pelas aças anthropophagas. Logo que se julgam sufficientemente temperados com o latim preciso para excitar a gula canibalesca, assaz tenros de carne pela vida de capoeira aos comedouros dos seminarios, vestem-se com os trajes de D. Basilio no *Barbeir de Sevilha*, mettem um breviario debaixo do braço e embarcam para regiões inhospitas e selvagens.

Uma vez em communicação com os in-

fieis, nunca mais cessam de lhes metter o breviario em cruz entre a bocca e o prato, até conseguirem realizar a sua aspiração suprema, que é não restar d'elles mais que uma batina e um par de sapatos, deitados para debaixo da meza juntamente com as cascas dos legumes, e dois canibaes a paliarem os dentes, e a dizerem um para o outro:  
— Saboroso padre! benza-o Manipanso!

\*

\* \*

O padre d'aldeia é d'ordinario o melhor dos homens.

A sua rudeza montesinha colloca-o ao abrigo de todas as subtilezas enervantes da penitencia requintada e dos pequenos peccados elegantes e estonteadores.

As suas intimidades com a sã natureza dão-lhe o instincto de uma bôa religião alegre e repicada, com arcos de murta no adro tapetado de espadanas, de funcho e de rosmaninho, na festa do orago, com morteiros á missa cantada, n'uma vasta satisfação de cajados reluzentes, de saporros novos nos rapazes, de barbas feitas nos velhos, e de mangas arregaçadas, de linho branco e fresco,



nas queijadeiras postadas em fila no arraial.

Na quaresma conduz de sobrepeliz uma grave e simples via-sacra á roda da igreja, de cruzeiro em cruzeiro, até á grade do cemiterio.

Pelo Natal, ao terminar a missa da festa, toma do altar a ingenua e rosada imagem de um pequeno Jesus rechunchudo, de refeguinhos nos artelhos e nos pulsos, e ao som da gaita de folle, passeia-o sob um chuveiro de beijos humidos e repenicados por entre as bróas de pão pôdre, os cabazes d'ovos e os casaes de capões, que atravancam a passagem por entre os fieis ajoelhados na nave.

Nos dias ordinarios engrola a missa das almas ao romper do dia n'um latim abreviado, mastigado á pressa, e vae podar as cepas, sachar o cebolo, enxertar os limoeiros ou caçar as perdizes, palmilhando o monte, saltando vallados, e regressando a casa ao toque das Ave-Marias, com os perdigueiros adeante, a espingarda na bandoleira; dando as boas noites para a direita e para a esquerda ao atravessar a aldeia; batendo no hombro aos homens, beliscando na cara as raparigas, com a boa jovialidade carnal do seu velho confrade de Meudon o reverendo Rabelais.

\*

\* \*

O padre de sala grassa principalmente na aristocracia das cidades, cujas casas frequenta por um resto de tradição antiga nas famílias nobres, onde o capellão era de rigor nos accessorios da *mise-en-scene*, como o boleceiro, o creado de farda e a preta.

As meninas nobres, que hoje lêem o *Figaro* e os romances de Daudet, não tomam completamente a serio essa reliquia heraldica. O padre da casa é para ellas um simples utensilio de character profano, recreativo e cattura. Troçam-o como um grotesco inoffensivo, e utilisam-o como um serviçal de sexo neutro, collocado na serie zoologica da herilidade entre a creada de quarto e o homem. Encarregam-o de certas compras racionadas, que não sabe fazer um simples moço de recados sem o curso dos seminarios.

É o padre que vae ao Seixas buscar as lãs para bordar, segundo os matizes da amostra, que leva o bracelete a compôr ao Leitão, e o *chignon* para frisar ao Godefroy. É elle que acompanha ás lojas de dia e ás visitas sem cerimonia á noite. Leva os agasalhos; ajuda

a vestir os paletots, ata os sapatos cujas fitas se deslaçam no caminho, e paga os bilhetes do americano com dinheiro que se lhe fornece para isso.

Não está persistente n'uma só casa, como nas antigas capellánias. Anda aos dias. Aos domingos vae jantar a casa das F., onde serve ao croquet ou ao lawn-tennis no jardim, e onde marca as carambolas no bilhar á noite. Ás segundas feiras chaperona a lição de desenho das meninas S. Ás terças acompanha a viscondessinha de X ás suas devoções a S. Luiz e a outros logares. Ás quintas dão-lhe chá preto e pão torrado com manteiga para ir fazer perna ao wihst da velha baroneza de P.

Aos serões, em torno do candieiro, depois de despejado o sacco das mexeriquices que traz das casas d'onde vem, vé as gravuras das Illustrações, ou dorme. As meninas procuram ás vezes arrancar-o ao torpôr da sua digestão ou da sua ignorancia, ambas igualmente crassas:

— Padre José, esperte! não se faça ainda mais mono do que é; scintille parà ahi um bocado; tenha faisca, ainda que seja em latim, ou em canto chão!

E perante o olhar d'elle, esbugalhado,

vermelho, attonito, ellas, em inglez, umas para as outras, picando o *crochet*:

—Cada vez mais bruto! uma lastima! um cumulo!

Quem precisa de padre e o não tem á mão, pede-o emprestado, como se pede emprestado ao visinho um alicate ou um martello. Sophia, que está em Cintra, escreve para Lisboa a uma amiga:

«Resolvemos abrir duas portas na sala de jantar sobre o jardim. Preciso d'olheiro para os operarios. Cede-me Padre Antonio por oito dias. Dá-lhe dinheiro para o omnibus e manda-m'o amanhã sem falta.»

Às vezes o padre de sala desapparece por algum tempo da circulação, posto na escada com a respectiva bagagem,—uma camisa, um pente, dois pares de piugas embrulhadas n'um jornal—, e uma pontuada de bengala nos rins em estímulo de velocidade para a porta da rua.

Alguem á noite pergunta:

—Que é feito do padre João?

E o dono da casa, levantando os olhos do jornal que lê a um canto, responde lentamente:

—Mandei-o rinchar para as lesirias. Começava a achar-se folgado de mais para se

continuar a ter á argola. É o que lhe fiz sentir esta manhã por meio de uma ligeira admoestação corporea.

— Mas o physico do sacerdote é inviolavel e sagrado!

— Por isso tambem não foi pelo lado *cruzes* que eu o admoestei, foi pelo lado *cunhos*.

\*

\* \*

De resto, entre as familias distinctas de Lisboa, quando alguem quer casar-se, confessar-se com decencia, ou receber soccorros espirituaes para morrer com elegancia, vae aos Inglezinhos ou manda pedir a S. Luiz dos Francezes a visita do reverendo Abbé Miel.

O padre estrangeiro tem sobre o padre indigena a vantagem de não se haver abandalhado nas eleições, de não ir para a plateia de S. Carlos applaudir a opera e dizer graçolas ás senhoras suas confessadas, que estão nas bancadas ao pé d'elle, de não andar pelas casas particulares com as piugas e com as fraquezas embrulhadas em papeis, e de não misturar nunca—a não ser no sigillo do sanctuario—o bacalhau norueguez do pre-



ceito abstinencial com o lombo de porco da carnalidade gentilica e pecaminosa.

Alem do que, como vêm feitos de fora, não consta na confidencia dos lisboetas nem nas revelações mais desabotoadas das villegiaturas de Cintra ou de Cascaes qual a especie de pau de lorangeira com que elles foram manufacturados.

\*

\* \*

Apesar porém de todas as apreciaveis inferioridades que tão vantajosamente recomendam os clerigos lusitanos á estima e á tranquillidade dos partidos liberaes e dos chefes de familia, vemos que, apenas quatro padres annunciam um dos seus *meetings* ao eterno, logo oitocentas senhoras, duzentas por padre, acodem a engrandecer essa manifestação com o effeito scenico dos seus encantos.

Que os revolucionarios obtenham outro tanto, se são capazes!

Confronte-se, por exemplo, o Club Gomes Leal com a sacristia dos condes de Castello Melhor. Que contraste!

Esse club reunirá facilmente nas suas sessões todas as gravatas vermelhas do par-

tido e todas as blusas do bairro. Enquanto aos lugares reservados ás damas, será mais difficil prehenchel-os. Logo que D. Angelina Vidal haja tomado assento na assembleia, a commissão encarregada de conduzir as senhoras ao sanctuario da poesia revolucionaria poderá tirar as luvas, accender os cigarros e desabotoar os colletes, que não terá mais ninguem para conduzir.

A razão d'este phenomeno significativo é que os padres e os padristas, por menos espartos e menos habeis que sejam, têm por baixo de si a levantal-os mais alto do que todos nós, oito seculos de talento, de discussão e de controversia, que fizeram da theologia o maior dos monumentos do espirito. Os seus doutores, os seus martyres, os seus heresiarchas e os seus apostatas representam no dominio do pensamento o triumpho mais maravilhoso d'essa grande força chamada o estudo.

A antiga tradição, a auctoridade consagrada, o respeito adquirido, trespassado pela heriditariedade de geração em geração, torna hoje facil o officio de continuar a manter nas consciencias os habitos do respeito e a pratica da devoção.

O mal dos revolucionarios na propaganda

moderna consiste no grave erro de suppor que se pode ir para livre pensadôr assim como geralmente se vae para padre, isto é, por simples estupidez.

Ora ser padre quando se não tem cabeça para ser qualquer outra coisa mais util, é corrente, é commodo, faz arranjo ás familias com filhos tapados para contas, e não tem perigo nenhum.

Na Igreja quem não sabe outra coisa diz missas. Na Revolução quem não sabe mais nada diz asneiras. Essa é a differença.

As mulheres, que em geral não conhecem os chefes da Revolução, assim como tambem não conhecem os da Igreja, que nunca leram Diderot nem Proudhon nem Michelet, como egualmente não leram nunca S. Paulo nem Santo Agostinho nem S. Thomaz, obrigadas a examinar pelos caracteres inferiores e a escolher pelos elementos subalternos, preferem a missa, e fazem bem. Na incapacidade, bem como na pornographia, o latim attenua.

O erro dos padres nas suas relações com o seculo — pedimos licença para lh'o dizer — está unicamente em tentarem ainda algumas vezes exprimir-se em vulgar. Para prestigio da classe e decoro d'elles, aconselha-

mos ardentemente a suas excellencias o uso exclusivo das lingoas mortas, —convindo porrem exceptuar de tal numero o latim de Molière, pois consta haver alguns velhos latinistas que ainda entendem esse.

Saraiva de Carvalho era possuidor de uma cabeça distincta das de todos os demais estadistas monarchicos do seu partido pela circumstancia extra-conservadora e extra-parlamentar, pela circumstancia verdadeiramente tumultuaria, excepcional e incommoda de ter algumas ideias dentro, de as cultivar e de procurar algumas vezes, ainda que debalde, transformal-as em obras.

A' dynastia brigantina prestára este pensadôr o mais relevante serviço, lembrando um dia que as fórmulas vigentes de governo se poderiam vir a substituir pondo-se escriptos no palacio da Ajuda.

Era esse o meio mais engenhoso e ao mesmo tempo o mais seguro de perpetuar para todo sempre a localisação da familia dos actuaes inquilinos na desagradavel madrepora de principes a que serve de jazigo aquelle notavel edificio. Pois é evidente que,

posto esse casarão a alugar, com escriptos, com annuncios, e ainda com premios animadores ás agencias de casas baratas, ninguem absolutamente no mundo tomaria de renda tal predio, assás desconceituado no publico pela falta de commodos que offerece para habitação de familia, pelos maus cheiros que n'elle grassam, pela enorme melancolia mesenterica que d'elle transsuda e pela aterradôra quantidade de carochas e de ratos de cano e de throno, que o infestam, sevandijam e conspurcam.

Antonio Rodrigues Sampaio era um escriptor de primeira ordem no meio de um jornalismo onde os escriptores cada vez se vão tornando mais raros. Elle foi um dos artistas que mais gloriosamente serviu a sua patria escrevendo bem a sua lingua, e foi, além d'isso, entre os homens politicos do seu tempo aquelle que mais altas e mais fortes qualidades de espirito, de coração e de character sacrificou ás instituições vigentes.

O chefe d'essas instituições, no dia do enterro de Sampaio, ia mitigar a sua dôr por essa morte, ouvindo a opera em S. Carlos.

No dia do enterro de Saraiva de Carvalho o mesmo augusto principe ia para o



Gymnasio ver o atirador Paine quebrar globos de cristal a balas de pistola.

Compreende-se a angustia profunda que assim impelliu o primeiro cidadão portuguez a procurar nos interessantes phenomenos da balistica expostos por um pelotiqueiro impavido, ou nos falsetes garganteados por um tenor delambido, uma justa e equitativa compensação á perda dos mais illustres dos seus compatriotas.

Referindo as circumstancias funebres d'estes obitos, a historia dirá:

*A familia dos mortos pediu desculpa de cumprimentos, e el-rei pediu «bis» ao tenor Gayarre, — uma e outra coisa devida ao estado de consternação em que todos se achavam.*

E os prosteros, ao lerem esta pagina commovedora, verterão lagrimas de enternecimento sobre esse testemunho eloquentissimo da delicadeza profunda de tão excelso quão sensivel principe.

\*

\* \*

Se não receassemos profanar a dôr tão intima e tão sincera do soberano, se não te-

messemos alancear, inoportunos, o seu extremoso coração, tão manifestamente envolto em luctuosos crepes na occasião presente, nós ousariamos formular humildemente uma debil pergunta:

Julga sua magestade que, assim como os principes têm coração, o não têm os povos egualmente?

Quando, em vez das testas communs e opacas, são as fulgidas e rutilantes testas coroadas, as que Deus, levantando-se respeitoso para esse effeito do alto do throno celestial, resolve com a devida consideração chamar ás alturas, a fim de as fixar com a demais brilhaeria no interessante museu da Via Lactea, — julga por acaso Sua Magestade que n'esses pomposos lances, não choram tão dolorosamente os subditos pelos seus bons reis como os reis choram pelos seus bons subditos?

Cuida Sua Magestade que não nos faz tão grande mozza o baque de um grande principe que ha por bem fallecer, como a que em sua magestade faz a queda de um honrado cidadão que morre?

Oh! mas que Sua Magestade se digne de nos fazer essa justiça: — é perfeitamente a mesma coisa!

Que Sua Magestade o queira ponderar perante o afflictivo transe por que acaba de passar o seu coração generoso e paternal!

Quando o sino grande da Sé badala o dobre supremo dos obitos reaes, quando as mulas dos regios coches inclinam a orelha tetrica sob as gualdrapas funerarias dos solemnes sahimentos, quando os escudos das quinas se quebram no marmore dos monumentos ao som cavo de uma voz que proclama — *Real, real, real, por el-rei de Portugal*, — a alma do povo póde bem, como a do principe em lances correlativos, precisar, para o fim de não succumbir á intensidade da dór, de appellar então por seu turno para os santos balsamos que escorrem das cavalletãs das operas e das proezas do tiro ao alvo.

\*

\* \*

Ousamos por tanto esperar, submissos e confiados, que—tendo em vista os dolorosos e excruciantes paroxismos que póde attingir a saudade, tanto no coração do povo, como no coração dos principes,—sua magestade se digne de mandar sem demora revogar a lei

dura e deshumana què por occorrença dos obitos de pessoas reaes manda vedar ao corrente pranto das gentes o lacrimatorio dos divertimentos publicos.

A policia, tomada de um d'esses accessos de zelo intermittente que ás vezes acomette esta veneranda instituição, acaba de assaltar varias casas de batota em Lisboa, no Porto, na Povia de Varzim e em Vizeu.

Todas essas diligencias se fizeram com grande exito.

A policia foi pé ante pé, como o côro dos carabineiros nos *Bandidos* de Offenbach, e deu em cheio nas maroscas, capturando os jogadores e apprehendendo os baralhos, as roletas, a mobilia da casa, o dinheiro da banca e o dos parceiros.

O *Diario do Governo* d'hontem traz a este respeito uma portaria de louvor, na qual o ministro do reino, em nome de sua magestade el-rei, elogia a policia pelo bem que andou, não só capturando os jogadores, mas — como muito bem acrescenta a portaria — apprehendendo outro sim *algum dinheiro e mobilia*.

\* \*

\* \*

Como bons subditos fieis e amantes, folgamos de veras com a satisfação intima e cordial que sua magestade el-rei houve por bem experimentar e redigir em prosa official, ao ver os reditos do Estado felizmente acrescentados com algumas cadeiras e alguns cobres, agilmente surripiados pelos representantes da lei a viciosos cidadãos, improvidos e desaperebidos.

No Porto o zêlo policial n'esta diligencia chegou ao ponto de emboscar nas ruas os esbirros para prender os jogadores no acto de entrarem para as jogatinas.

Não pretendemos julgar o ponto de vista das auctoridades constituídas sobre o assumpto *batotas*, porque estamos convencidos de que essas auctoridades, morigeradas e pudibundas, não foram nunca ás casas de jogo, o que as desarma de toda a habilitação precisa para se poder discutir com ellas sobre esta questão.

\* \*

O que escreve estas linhas esteve pela



derradeira vez n'uma batota, em S. João da Foz, ha coisa de vinte annos.

A espelunca achava-se estabelecida no lindo *cottage* do Mallen, na Praia dos Inglezes, com um terraço sobre o mar e a entrada pela rua da Senhora da Luz.

No meio do grande salão de baile estava armado o jogo sobre uma vasta mesa de pano verde illuminada do tecto por um lustre. Em torno da mesa achava-se reunida a parte masculina da melhor sociedade do Porto e da provincia do Douro e do Minho a banhos na Foz, uns, junto da mesa, sentados, outros em pé por traz d'esses, formando tres ou quatro circulos concentricos.

A um topo da mesa um cavalheiro esquelético, de faces macilentas, adornado de uma longa pêra grisalha, puxava para junto de si por meio de uma pequena rapadeira de mogno polido, em fórma de ensininho, o dinheiro das paradas espalhado no panno verde, e pagava a importancia das apostas.

Defronte d'este prestavel individuo, no outro topo da mesa, um cavalheiro mais gordo, ainda que não mais solícito, e de aspecto igualmente veneravel, punha as carlas na mesa com mãos finas, particularmente bem tratadas e realçadas por dois

bellos cachuchos em que scintillava um olho de gato e um rubi.

Informe-me da regra do jogo com as pessoas respeitaveis e fidedignas que tinha mais proximo de mim.

Eis a regra: Tiravam-se do baralho duas cartas, que o homem das mãos finas collocava na mesa ao lado uma da outra. Lá estava, por exemplo, o trez de espadas a um lado, e o rei de copas ao outro. A gente escolhia, para apostar por ella, a carta que queria, e collocava-lhe ao lado o preço da aposta. Depois do que, ganhava o rei ou ganhava o terno, segundo era um rei ou um terno d'outro naipe a primeira d'essas duas cartas que em seguida sahia do baralho.

Devo dizer, á face de Deus e dos homens, que nunca em minha vida me expuzeram negocio que se me figurasse mais intelligivel, mais recto e mais claro! Algumas vezes tenho tido que pedir aos diversos poderes do Estado alguns esclarecimentos á cerca do jogo do machinismo administrativo, e cumpre-me dizer, sem com isto pretender desgostar ninguém, que jamais das regiões officiaes recebi informações tão lucidas e tão leaes como aquellas que sobre as leis do Monte me fo-

ram cavalheirosamente ministradas na apreciavel batota a que me refiro.

De um só relance e em meio minuto comprehendí o problema todo com uma profundidade maravilhosa, e, sem perda de mais um instante, tirei 100\$000 réis que tinha n'uma algibeira e colloquei-os pressuroso sobre o trez de espadas que se achava na mesa.

Telintaram libras, de parte a parte, postas pelos circumstantes para a direita ou para a esquerda das cartas.

O homem da pá de mogno polido, erguendo para o meu lado o bico da sua pèra grisalha, perguntou-me, indicando o meu dinheiro:

— Mata o rei?

Ao que eu respondi denodadamente e com voz firme:

— Mato-o, sim senhor!

Esta phrase pareceu fazer uma certa impressão no auditorio. Houve um silencio. Um desembargador da relação do Porto, ancião de oculos d'ouro e de grande calva sacerdotal, retirou com gesto adunco de cima das cartas 3\$000 que tinha posto.

O cavalheiro das lindas mãos tossiu ligeiramente, voltou o baralho, e principiou

a extrahir com lentidão as cartas, a uma por uma, do massô que comprimia nos dedos.

A quarta ou quinta figura extrahida era o rei de espadas.

Eu tinha perdido os meus 100\$000 réis. Ganhava-os precisamente um illustre professor da Escola Polytechnica, que fizera contra o terno uma parada egual á minha.

Esta decisão da sorte — eu o confesso — não me regosijou senão de um modo bem cácteristicamente mediocre.

Resolvi porém interrogar mais algumas vezes o acaso, e perdi consecutivamente quanto dinheiro tinha no bolso, ou fosse a importancia de perto de meio anno de collaboração n'um jornal americano, — somma recebida n'esse mesmo dia.

Fiquei na batota até pela manhã.

Por uma janella aberta sobre o terraço a luz còr de perola da madrugada entrava humedecida e salgada pela viração maritima. As banheiras, filhas e moças da Maria da Luz, armavam as barracas na praia, cantando ao longe em terceiras, n'um còro argentino de sopranos, uma barcarolla local. Os primeiros pregões matutinos dos vendilhões ambulantes penetravam do lado da rua pelas fendas horisontaes das gelosias, que o

clarão da manhã pautava luminosamente d'azul.

Na sala esvasiada de gente oscillava ainda, esfarrapado, o ar quente da noitada, impregnado do fumo do tabaco e dos cheiros acres do suor e da cerveja asedada no fundo dos copos dispersos no balcão do buffete.

O chão estava alastrado de lama secca, de pontas de cigarros que a saliva enodoara de amarello, e de charutos mordidos e mastigados raivosamente pelos pontos.

O homem das bellas mãos aristocraticas tinha as unhas orladas de preto e o collarinho esverdinhado de transpiração.

O cavalheiro da pèra tivera com o romper do dia um accesso de tosse, e depois de haver durante a noite cuspinhado tudo em torno da alta cadeira de braços em que estivera sentado, procurava ainda, ao que parecia, escarrar mais, com os olhos injectados de sangue, as faces escaveiradas, as mãos febris, o dorso curvo, o peito concavo, sacudido pelas convulsões da bronchite.

A um canto da casa, sentado n'uma cadeira e cahido de bruços para cima de uma pequena mesa a que tres batoteiros, associados nos lucros da banca, tinham passado a



noite jogando o honesto e execravel volta-  
rete, ficara esquecido um janota de calças  
côr de flôr de alectrim, botinas de polimento,  
luvas azues e fraque côr de pinhão feito no  
Pereira Baquet. Julguei-o adormecido, e cha-  
mei-o, tocando-lhe no hombro, para me não  
ir d'ali embora sosinho.

Era um rapaz que eu conhecia da praia  
e da Cantareira. Chamavam-lhe o Chico...  
não me lembra já de qué. Tinha dezeseite  
ou dezoito annos, era filho de um lavrador  
rico da Regoa, e estava a banhos na Foz,  
hospedado no hotel do Romão, intitulado da  
Boavista.

Quando elle se ergueu da mesa e se poz  
em pé deante de mim, vi que o misero não  
tinha estado a dormir, mas sim a chorar.

A sua physionomia loura, estúpida, linda,  
ornada de um pequeno buço, de um signal  
cabelludo na faee e de dois bandós côr de  
ouro anediados pelo melhor cabelleireiro da  
rua de Santo Antonio, exprimia uma cons-  
ternação tão profunda, tão ôcca, tão fran-  
camente imbecil, que desde logo me at-  
trahiu para elle com uma compaixão ver-  
dadeira. Agarrou-se ás primeiras palavras  
que lhe disse, como um afogado se agarra á  
primeira cousa fluctuante que passa por elle,

e momentos depois o bem parecido e elegante moço vertia no meu peito as suas doloridas confidencias.

Seu pae, homem austero e de pulso, cheio de severidade no character e de cabellos crespos no interior das orelhas, tinha-o incumbido de cobrar de um negociante de vinhos de Villa Nova de Gaya a importancia de uma letra no valor de 4:600\$000 réis. Era d'esta quantia, recebida tres dias antes, que elle acabava de perder a ultima libra, alem de mais trinta moedas, destinadas a custear o resto dos banhos de mar prescriptos pelo doutor da Regoa para um tumor frio que lhe começara a inchar n'um sovaco.

— Meu pae, para coisas d'estas, é uma fera!  
— explicou-me elle com voz estrangulada.

E, tendo descalçado uma das luvas azues, comprimia com mão nervosa o alto da sua pequena cabeça de gallo, apagando da testa n'um repellão o bem feito A formado pelas duas curvas divergentes dos bandós.

— Como assim! — lhe respondi eu. Pois o meu amigo tem a fortuna inapreciavel de possuir um pae fera, e ainda hesita um momento sobre o que lhe cumpre fazer nas funestas condições em que se acha?... Saia-mos lá para fóra! Saia-mos com pé expedito

e rapido d'esta caverna, que até me está a affligir o ter de profanar o nome sagrado do seu veneravel progenitor, proferindo-o perante a péra cavilosa e obscena d'aquelle tísico, malandro em terceiro grau, que além diviso envesgando para nós os olhos torvos!

— Cão!— disse o Chico n'um bramido cavo, abrindo para essa palavra um parenthese no assumpto principal da nossa conferencia, e estendendo da porta da rua o punho cerrado e terrivel para o cerro em corcova do cavalheiro da péra, que continuava a tossir arrimado a uma padieira da janella.

E, uma vez ambos na rua, eu prosegui, reatando o fio do discurso:

— Depois da camelice tremenda que fez, desviando dos interesses agricolas das nossas regiões vinhateiras a quantia de réis 4:600\$000, para os entregar á nefanda tavolagem, que mais pode appetecer o meu bom e desregrado amigo do que uma d'essas monumentaes sovas, com que os rispidos anciãos, de ouvidos cerrados á misericordia pelo mau genio e pelo muito cabello, costumam assignalar para o respeito dos vindouros os diversos membros da sua prole? Qual

coisa mais saudavelmente eficaz para o restabelecimento normal do seu equilibrio nervoso, no momento presente, do que a applicação lombar da bengala de um antepassado, ou a juxtaposição da abençoada sola e vira de uns bons sapatos paternos ás partes carnudas do seu organismo apostemado pelo estúpido remorso da mais colossal e irremediavel asneira?! Aqui estou eu, que matei esta noite o rei... Não sei se o snr m'ô viu matar?... Matei-o como quem mata um pórco... Craque! Pois bem; sabe por quanto me ficou esse regicidio? Ficou-me por 176\$000 réis. A recordação amarga d'este luctuoso successo converte todo o meu ser n'uma insondavel cloaca de sem-saboria, e só uma felicidade invejo: a que se antolha ao meu amigo na doce perspectiva de poder encontrar quem lhe ponha os ossos n'um feixe.

— Pois olhe — exclamou o Chico arregalando para mim os olhos illuminados de um repentino jubilo — dou-lhe a minha palavra d'honra que tambem a modo que me está a appetecer isso, a mim!

E trocadas entre nós estas profundas e memoraveis palavras, remergulhamos em intimas e silenciosas cogitações, eu e o Chico.

Ao longe o duro bronze, a que os espiritos despreocupados e felizes dão vulgarmente o nome galhofeiro de sino, tangia seis horas. Damas encapuchadas em rendas de lã desciam de suas mansões á praia para se entregarem aos exercicios balnearios, enquanto outras, mais madrugadoras ainda, volviam da praia a suas mansões, com narizes arrebitados e vermelbos, avidas de pão quente com manteiga e de café com leite.

Duas horas depois o meu amigo partia para a Regoa, onde seu extremoso pae, prevenido pelo telegrapho, o esperava, no alto dos Padrões da Teixeira, de braços abertos e um marmeleiro em cada braço. Eu voltava taciturno a refazer com tardigrados e arastados folhetins a somma que o vil e mercenario ensinho do Péra Tisica n'essa noite desviára de seu natural destino para fins que a meus olhos tinham de ficar para todo o sempre vélados pelo mysterio.

\* \* \*

Tal é, em sua natureza e em seus effeitos, a simples coisa chamada batota!

Temos visto do jogo muitas e mui variadas definições. A unica, porém, que inteiramente nos satisfaz é a seguinte :



O jogo é uma asneira.

Reduzida assim a questão aos seus verdadeiros termos, não podemos deixar de perguntar ao governo com que direito elle intervem para o fim de castigar as asneiras em que cada um incorre? Procurar evital-as ainda se lhe poderia permittir, mas punil-as! Se tivessem de ser presos todos aquelles que fazem asneiras, o proprio governo seria uma coisa impossivel, porque ha muito não haveria ministro nenhum que andasse solto.

E, por cima de tudo, procuram ainda impingir-nos a explicação sophistica de que é para o fim de salvar o povo da ruina que a policia maternal assalta e seqüestra as batotas!

Ora sempre quero que me digam, no caso pessoal que acima narrei, se eu teria perdido menos do que perdi, dado o facto accidental de terem ido para o rei de Portugal os 4765000 réis que eu dei para o rei de copas? E outrosim quereria saber, no caso que o rei de copas, por meio da sua policia, fizesse ao principe reinante a bonita partida que o principe lhe faz abotoando-se com o que elle ganha, se sua magestade gostaria da chalaça!

---

Noticiam de Braga que n'aquella cidade apparecerão brevemente dois novos jornaes, um d'elles intitulado *Supplicantibus*, e intitulado o outro *Frei Bandalho*.

Os dois appetitosos titulos d'esses periodicos bastam para caracterisar bem, em duas unicas pennadas, a elevação intellectual que, não só em Braga como em todo o reino, está presidindo n'este momento á vulgarisação da litteratura jornalística.

Guimarães, Barcellos e Vianna não quererão por certo deixar-se ultrapassar pelos desenvolvimentos litterarios do espirito bracaraense, e cremos mesmo não ser indiscretos revelando desde já que, estimulados pela mais nobre emulação, os grandes centros intellectuaes do Minho preparam, para concorrer vantajosamente com os novos periodicos braguezes, a apparição proxima d'outros jornaes intitulados o *Reles*, o *Bisborria* e o *Pulha*.

A unica coisa que nos inquieta no meio d'esta opulentissima exuberancia intellectual é o secreto receio de que, não obstante os incansaveis esforços empregados para esse fim pelos sabios estadistas gerentes da educação nacional, venham por ventura a escacear um dia, para fazer face com suas

auctorizadas pennas a um tão vasto labor mental, os escriptores borra-botas, os troca-tintas e os manécocos indispensaveis para o caso.

---

S. ex.<sup>a</sup> o snr Luiz Jardim, professor de direito na Universidade de Coimbra e genro do capitalista Lopes dos Anjos, acaba de dar o nome de *Rosalia* a uma creança de quem foi padrinho.

Um jornal, interprete dos altos sentimentos do snr Luiz Jardim, diz que s. ex.<sup>a</sup> escolhera este nome «por elle ser o de uma illustre dama portugueza que floresceu em meados do seculo xvii.»

Inclinemo-nos com reverencia!

Elle poz-lhe o nome de *Rosalia*. . .

Tornemos a inclinar-nos!

E poz-lh'o, porque esse foi o nome de uma illustre dama portugueza dos meados do decimo setimo seculo. . .

Prostremo-nos por terra!

---

D. Guiomar Torrezão, do *Diario Illustrado*, dedilhando com mão d'anneis n'aquella folha o cavaquinho da critica amena, diz-nos o seguinte:

«Já alguma vez experimentaram a impressão que se sente entrando-se em um boudoir, em uma especie de *bonbonniere* capitonada de setim azul, impregnada de ioxoria, mergulhado em uma meia luz mysteriosa, peneirada por umas cortinas de renda suissa, com arabescos de flores caprichosas e aves raras, de plumagens ondeantes, e ouvindo-se ahi, com as palpebras semicerradas e a cabeça enterrada em uma almofada de setim macio e luminoso, um nocturno de Chopin, que vem de longe em longe, evolvendo-se das teclas de um piano ou das cordas gementes de um violoncello, pousar-nos no ouvido um longo beijo feito de melancolias, vagamente sonhadoras e de harmonias verdadeiramente divinas?...

«E' esta mesma impressão que se experimenta lendo-se os poemetos do conde de Sabugosa.»

E' talvez ligeiramente complicado, como mobilia, o processo critico de D. Guiomar. Uma vez, porem, que elle dá a impressão perfeita da obra de um tão sympatico poeta

como o conde de Sabugosa, parece-nos que vale a pena de experimentar. . .

De resto consta-nos que o armador Alcobia se encarrega do fornecer por preço módico todos os trastes precisos para a comprehensão das differentes obras poeticas, havendo peneiras de renda suissa para todos os preços, já em flores caprichosas, já em plumagens ondulantes, a todos os gostos d'horta ou de capoeira.

O mesmo Alcobia se incumbe igualmente de inculcar pianista idoneo para massacrar ao longe os nocturnos de Chopin emquanto o freguez estiver com a cabeça enterrada na almofada de setim phosphorecente.

Se, ainda depois de enterrado na almofada, e collocado o pianista ao longe, o paciente se queixar de não desfructar sufficientemente a musica, Alcobia, sem por isso exigir augmento de remuneração, facultará duas buxas de algodão em rama para se lhe introduzirem nas orelhas.

Folgamos de veras ao ver assim tão harmonicamente alliadas em proveito da poesia lyrica as duas importantes industrias de fazer critica nos jornaes e de pôr cortinados da Suissa nas casas.



Entre os mimosos e ricos brindes offerecidos a Leopoldo de Carvalho na noite da sua festa artistica no theatro do Gymnasio, lêmos no *Diario de Noticias* que sobressahiam em primeira linha dois formosissimos quadros devidos á pericia de uma joven menina da nossa melhor sociedade e feitos de escamas de corvina.

Tambem folgamos muito com isto.

Em todas as exposições de quadros celebradas nos principaes centros artisticos do mundo durante este derradeiro quarteirão do seculo, se notava com lastima geral que o simples oleo, a tinta de aguarella, o lapis e o esfuminho, eram elementos insufficientissimos para com elles se constituir o quadro a toda a altura das enormes exigencias da esthetica contemporanea. A joven admiradora de Leopoldo, lançando mão genial das escamas da corvina e arrojando-as valorosamente á tela, vem prehencher uma lacuna immensa nos recursos até hoje tão estreitos das artes do desenho.

Gloria eterna a tão benefica e prestante menina, honra da patria e do peixe fresco, alegria de seus carinhosos paes, e satisfação completa de suas boas mestras!

Nada mais lisongeiro para um luso, em

face dos tremendos esforços de processo empregados pelos artistas modernos em lucta com a invencivel perfeição, do que vêr essa joven compatriota, inspirada do alto, apartar-se repentinamente da grande legião dos atormentados, empunhar a faca de amanhar o peixe, cahir sobre a corvina, empolgal-a pelo rabo, e escamar em seguida duas obras primas sobre os laureis do festejado actor Leopoldo!

Só nos resta agora, para inteira consagração d'este grande facto artistico, que D. Guiomar, empunhando mais uma vez o luminoso facho da critica, nos queira dizer de que côr é que devemos capitonar as casas e que peça de musica temos de mandar tanger por Marcario, para o fim de bem nos compenetrarmos das impressões que são chamados a produzir nas organizações accessiveis á comprehensão do bello os novos effeitos estheticos introduzidos no sublime pelas escamas dos peixes.

---

Antes d'hontem, 3, nova rusga ás casas de jogo. Em uma batota assaltada, cincoenta jogadores presos, e cincoenta mil réis apprehendidos.

O *Correio da Noite* refere sobre este assumpto que na batota alludida se não jogava depois de algum tempo a esta parte com receio de uma visita policial. A policia porem, com a mais louvavel lisura, fez correr no bairro o boato semi-official de que não havia mais rusgas ás batotas. Os jogadores então, julgando-se ao abrigo carinhoso e paternal da lei, reuniram-se outra vez, a policia vigilante cahiu-lhes em cima, e batoteou-se a si mesma, em nome de el-rei, com todo o dinheiro que empalmou do bolo.

A opinião mostra-se satisfeita com este exemplar procedimento da policia, que anima sagazmente os mal intencionados á pratica do crime para o fim politico de pechinchar com os resultados pecuniarios d'elle.

E os jornaes continuam a chamar *uma rusga* a cada uma d'estas diligencias destinadas a reprimir o vicio funesto da tavola-gem.

Se os jornaes conhecessem melhor a technologia dos jogos de parar, não chamariam a estes lances *uma rusga*; chamar-lhe-hiam — mais propriamente — *uma vacca*.

Os jogadores até hoje presos teem sido

todos condemnados; — coisa que naturalmente produz nas massas um saudavel terror, levando-as ou a não mais jogarem senão nas batotas officiaes, como a Bolsa, a Loteria e as Eleições, ou a jogarem mais reconditamente.

Para não desmamarem os povos, violentamente de mais, da saborosa pratica dos crimes a que elles, coitadinhos, estão habituados, os tribunaes, implacaveis com o jogo, mostram-se benignamente contemporisadores com outros erros menos funestos á moral e ao proximo do que o manejo dos baralhos.

Ha dias, por exemplo, foi carinhosamente absolvido um cavalheiro que tinha arrancado um olho da cara a uma mulher.

O juri tomou em consideração as circumstancias attenuantes que revestiam esse pretendido *crime*, ou, para que melhor o digamos, *innocente gracejo*.

O juri attendeu principalmente a este facto, que não pôde deixar de inspirar a mais profunda piedade a todos os corações ternos: — aquelle a quem por um momento pedimos venia para chamar *reu*, se assim nos é licito exprimir-nos, amava aquella a quem tirou o olho.

O movel do crime, — digo — o movel da pilheria, de que o innocente é accusado, foi o amor que lhe inundava o peito.

Ai d'aquelle que nunca amou! esse é um bruto, que jámais deverá ser chamado a resolver questões d'olhos.

Os que uma vez amaram esses comprehenderão bem todos os thesouros de ternura que trashedaram da alma do anjo supracitado, ao praticar o acto que o levou, incomprehendido, á barra dos tribunaes humanos.

O' cherubins do empireo! sacudi sobre o nosso tinteiro as asas candidas e luminosas, para que com uma das vossas pennas possamos pintar a scena que entre esses dois amantes se passou!

O cavalheiro principiou naturalmente por pedir á sua doce amada que ella mesma lhe desse o olho, em prenda, ou em troca talvez, por um de vidro.

Ella responderia primeiro por uma timida recusa, entre reprehensiva e ironica:

— Ora, para que queres tu o olho?... Importas-te tu bem com o meu olho! se me amasses, sim, comprehendo que quizessees um olho meu, o olho da tua Bébé, para o pôres n'um medalhão. Mas oh! tu não me amas...

— Ah! eu não te amo? Eu é que te não



amo?! Eu é que te não quero um olho para um berloque?!... Ora espera, que já te mostro se te adoro ou não!

E, em seguida, por um d'esses actos de paixão profunda que muitas vezes transformam o homem n'um deus, o cavalheiro abriria um canivete e, delicadamente, apoderar-se-hia do olho da creatura.

Oh! amor!... amor!

Um jornal pareceu não saborear competentemente toda a doçura d'este breve e delicioso idyllio, opinando que deveria ser condemnado á cadeia um malandro tão garantidamente bestial como mostrava ser para o dito jornal o serafim a que nos reportamos.

Um dos membros do juri dirigiu á folha alludida uma bella carta patenteando as altas razões juridicas que os levaram, elle e os seus collegas, a absolver o colleccionador d'olhos, cujo amor se debatia em juizo.

Diz o jurado:

*Se o reu houvesse sido condemnado, teria isso por ventura restituído o olho á queixosa?*

Nós já acima nos prostramos no chão junto ás plantas eruditas com que o Dr. Luiz Jardim palmilha as veredas historicas percorridas no seculo xvii pelas damas illustres.

Outra vez nos vemos agora forçados a estender-nos ao comprido. Sempre que personagens d'este quilate apparecem ao critico, a restricta obrigação d'este é pôr-se de rôjos.

Na sessão inaugural do novo centro legitimista, ultimamente fundado na cidade de Braga, o mui ardente ecclesiastico snr Senna Freitas, terminando um entusiastico discurso, tirou do seio uma bandeira branca, e n'um rapto de eloquencia obrigou todos os assistentes a jurarem sobre essa bandeira fidelidade eterna ao legitimo rei snr D. Miguel de Bragança Junior.

Referindo este facto o *Diario de Noticias* accrescenta, reprehensivo e severo, que «não se devem fazer comedias partidarias com a independencia da patria.»

Julgamos do nosso dever pacificar o justo melindre patriotico do *Diario de Noticias*, affirmando-lhe que depois de haver desfraldado do seio a bandeira branca sobre que se fez a jura, Senna — como consta por pessoas fidedignas — se assoou commovido a essa mesma bandeira. Pelo que se veio a descobrir que ella era unicamente um lenço.

Pela parte que nos toca não podemos deixar de applaudir absolutamente a attitude firme e energica que o reverendo Senna assumiu no gremio do venerando partido legitimista, levando pela persuasão oratoria os seus correligionarios politicos a acceitarem como symbolo sacrosanto das suas crenças o moderno lenço d'assoar, em vez de continuarem a seguir servilmente as tradições partidarias da velha côrte toireira e cavalhariçal de Queluz, onde, entre os amigos intimos do snr D. Miguel I, taes como o picador João Sedvem e o caceteiro José da Policia, exigia o uso que nem os juramentos nem os defluxos se depozessem jamais sobre outro qualquer symbolo que não fosse unicamente a mão de cada um.

Na casa Cordeiro, ao Chiado, leilão de louças, de antiguidades e de moveis artisticos. Tentámos adquirir n'essa venda um espelho com moldura de faiança portugueza e dois bules francezes, stylo da China, em ramagens azues sobre fundo branco. Estes dois lotes foram-nos arrebatados por um licitante mais forte, o qual soubemos, mais tarde ser um agente de sua magestade a rainha, en-

carregado de comprar por conta d'aquella augusta senhora.

O negro despeito pela privação dos referidos objectos obriga-nos ao desafogo de alguns commentarios.

\*

\* \*

A tendencia geral para o bric-à-brac é o grande escolho dos progressos de algumas das artes industriaes n'este seculo. O gosto das mobílias antigas acabou, assim se pôde dizer, com a moderna marcenaria artistica. Em Lisboa, por exemplo, todos os entalhadores de talento se fizeram restauradores, atamancadores, renovadores de trastes antigos. Ninguem se dá já ao trabalho de inventar o mais elegante leito, o mais decorativo armario, o mais gracioso sofá. Contentamo-nos, como suprema realisação das nossas aspirações no conforto e na graça da habitação, em metter a roupa branca nas mesmas gavetas em que os antepassados dos outros guardavam os seus calções curtos de veludo de Utrecht, e de fazermos sentar as nossas mulheres nos mesmos canapés em que se entufaram outrora as cabaias e os

guarda-infantes das damas contemporaneas do snr rei D. João v.

Pelos vestigios que na arte da mobilia deixa da originalidade do seu gosto, o seculo XIX figurará na historia como o seculo — dos ferros-velhos.

\*

\* \*

E' aos reis que compete attenuar este desdouro, imprimindo nas fórmãs artisticas do seu tempo o cunho estheticó do seu reinado. E' isso de resto o que sempre se vé na historia do movel. A cada uma das modificações caracteristicas por que successivamente vae passando a linha e a côr na alfaia dos tempos modernos corresponde invariavelmente o nome de um sóberano, desde Luiz XIII até Napoleão I, o qual, apesar de não ter passado nunca em questões de gosto da sua primeira patente de cabo de esquadra, conseguiu ainda assim dar ao mobiliario da sua epocha o typo da mesma emphase cezarea que o imperial *parvenu* aprendera na convivencia e nas lições do comediante Talma, encarregado de lhe ensinar a traçar a purpura, e do rhetorico Champagny incumbido



de lhe fazer os rascunhos dos «improvisos» para as proclamações de guerra.

Os trez grandes decoradores Boule, Gouthière e Riesner, cujas obras obtiveram recentemente no leilão do duque de Hamilton os mais fabulosos preços que podem attingir as materias preciosas, eram os fornecedores dos Bourbons, e foi para as residencias reaes de França que elles fabricaram as suas mais delicadas e primorosas obras.

O celebre Boule tinha, como se sabe, as suas officinas estabelecidas no proprio palacio do Louvre, onde estava alojado na categoria de fornecedor privilegiado de Luiz XIV.

Riesner era, ainda em 1791, um dos fornecedores de Marie Antoinette.

Os nomes d'esses principes, refractarios por outros titulos á consideração e á estima do mundo moderno, viverão por muito tempo immortalisados nas collecções democraticas das artes decorativas, alliados á memoria da doce e benefica influencia que exerceram sobre os progressos do gosto artistico, que são ao mesmo tempo os progressos da elevação do espirito e da dignidade domestica do homem civilisado.



Sua magestade a rainha senhora D. Maria Pia, comprando os seus moveis nos leilões dos seus subditos, em vez de os mandar fazer pelos artistas mais talentosos do seu reino, não se nos figura que esteja no caminho mais directo para que o seu augusto nome chegue a ter um logar proeminente nos futuros annaes do bom gosto. E nada nos punge mais melancolicamente do que a perspectiva do futuro vacuo em torno da influencia esthetica d'esta princeza de uma elegancia tão distincta quanto talvez ephemera.

Picando-nos os nossos dois lotes n'esse leilão e arrebatando-os pela quantia de mais tres tostões e meio com que cobriu o nosso ultimo lance, sua magestade a rainha vibrou, com fina mão ganhosa, o derradeiro golpe, definitivo e mortal, no estremecido prestigio com que a artistica sumptuosidade suprema dos antigos principes se impunha ainda hoje á fascinação dos miseros burgoezes enriquecidos.

Que os adelos se barbeassem deante das elegantes *psychés* das Maintenon e das Pompadour, e que almoçassem nas taças *pâte tendre*, das Dubarry ou das Marie Antoi-

nette, coisa era já bem desconsoladora, bem triste, e bem dissolvente!

Mas, depois do ultimo leilão, em que nós fomos batidos por sua magestade a rainha, o facto é mil vezes mais grave. Porque — comprehendem bem esta *nuance* — agora é a mais distincta, a mais elegante, a mais aristocratica das princezas, que revê os candidos e impolutos arminhos do seu real manto no mesmo espelho a que na vespera fez a barba o Villas! e é a mesma augusta soberana que, descendo do seu throno com a esvelta graça altiva e triumphante de uma Diana vencedora, vae ella mesma tomar o chá no mesmo bule por cujo bico almoçou dois dias antes o Agostinho, da rua do Alecrim!... Oh! minha senhora! minha senhora!

\*

\* \*

Despeitados, como naturalmente sahimos do leilão Cordeiro, imaginem se nos daria prazer ou não a noticia da morte violenta e affrontosa de que foi victima o mais bello gato de sua magestade!

Escolhido em Paris, expressamente para a senhora D. Maria Pia, pela competencia

única do grande especialista o pintor Lambert, esse gato de uma belleza e de uma magestade digna dos versos de Beaudelaire, contrahira em palacio uma especie de tigna, que obrigou os physicos da real camara a raparem-o á escovinha.

Foi n'esse estado de tonsura, desfigurando o aristocratico animal até o ponto de o fazer confundir com um simples individuo de telhado, que um dos vigilantes e zelozos camareiros de sua magestade, surprehendeu ha dias o interessante enfermo no acto de tasquinhar na copa uma costelleta destinada ao inviolavel almoço do monarcha. Ora todas as pessoas versadas nas praticas da corte, por mais perfunctoriamente que seja, sabem muito bem que para todos os fins da eliqueta e da devoção ás reaes pessoas, uma costelleta destinada á refeição do principe é absolutamente a mesma coisa que seria o proprio principe, panado, e posto n'um prato com uma rodella de limão em cima, tão real e perfeitamente como estaria no solio com a sua corôa na cabeça e o seu sceptro em punho.

O camareiro pois, vendo seu augusto amo tão vil e perversamente mordiscado por aquelle que Lambert escolhera para fins de certo

mais abstinentes e mais respeitosos, o camareiro — dizemos — acceso em zelo pela inviolabilidade da real pessoa encarnada na especie eucharistica de costelleta, foi pé ante pé, e, de surpresa, apoderando-se do inimigo pela ponta da cauda, rejeitou-o por uma janella á distancia kilometrica que em todas as monarchias solidamente constituidas deve sempre medear entre o cheiro das saborosas costelletas dos principes e os appetites caprichosos dos gatos das princezas.

Bem feito!

★

★ ★

Aquelle que com amargo fel traça estas linhas colericas, movido unicamente pelo baixo despeito de não haver pechinchado n'um leilão um espelho e dois bules, incorre d'est'arte para com a pessoa da augusta soberana em um reprehensivel excesso de ira plebeia. Elle porem se promettifica desde já a ser mais tarde, elle proprio, o primeiro a reconhecê-lo e a lamental-o.

---



Andámos tres dias sem poder entender bem qual a causa do conflicto entre o governo de sua magestade e Monsenhor Massella, nuncio apostolico e representante diplomatico de Sua Santidade em Lisboa.

O rancor de todo o jornalismo, empenhado na critica d'este incidente, diluiu a historia d'elle n'uma tal quantidade de fel verboso que a menção do facto perde-se inteiramente na onda biliosa dos commentarios.

Sahiram para este effeito do fundo do velho guardaroupa da rhetorica liberal todos os attributos empoeirados e carunchosos da indignação classica, e mais uma vez vimos á luz do dia, expostas em andôr, como n'uma procissão solemne, as reliquias venerandas de um stylo de guerra que, desde o tempo ominoso dos Cabraes, suppunhamos definitivamente morto, empalhado, camphorado e recolhido para sempre nas collecções archeologicas.

\*

\* \*

«Portuguezes! descendentes d'aquelles heroicos e sublimes martyres que com tanto sangue implantaram e regaram n'este aben-

coado torrão a virente arvore da liberdade, ergamos-nos todos como um só homem! — dizem as folhas. Ergamo-nos, sem distincção de campo nem de facção, para sacudir o jugo a que pretende fazer-nos dobrar a cerviz um falso discipulo do augusto martyr do Golgotha, esquecendo que seu mister é todo de paz e d'amor, renegando escandalosamente a doutrina amantissima do Crucificado, calcando a pés os preceitos evangelicos do Redemptor. Cessem n'este momento solemnissimo todas as divergencias que por ventura hajam desunido a grande familia liberal! Unamo-nos todos em amplexo fraternal para quebrarmos as algemas do fanatismo com que anhelam arroxear-nos os pulsos! Unamo-nos para expulsar do templo sacrosanto de Jesus o vendilhão infamissimo, para desafrontarmos, alfim, a religião de nossos paes, a religião de nossas mães, a religião de nossas filhas, a religião de nossas sobrinhas, de nossas tias, de nossas sogras, de nossas primas, senhoras, e de nossas cunhadas! — a nossa sublime religião, finalmente, tal como ella é em sua excelsa pureza, que ora vemos torpemente desvirtuada pelo proprio representante d'aquelle mesmo Redemptor, cujas cin-

co chagas são o mais augusto emblema da bandeira da nação portugueza!»



Os jornaes d'hoje, os d'hontem e os d'antes de hontem veem cobertos d'artigos do teor do pequeno extracto concentrado que temos a honra de offerecer ao leitor como ligeira amostra do genero.

O periodico legitimista a *Nação* foi o unico que ousou tomar a defesa do odioso *Nuncio*, mas o *Diario da Manhã* d'hoje agarra-se pelas orelhas á *Nação* e escaca-a com um d'estes artigos que inutilisam o adversario por espaço de seis dias, porque é preciso andar a procurar-lhe os bocados dispersos no raio de uma legoa em redondo para o tornar a pôr em pé outra vez.

Imaginem que o *Diario da Manhã*, desde que começou a questão até hoje, se tinha conservado silencioso, a ver correr o marfim. Eis senão quando a *Nação*, imprudente, se sae com um artigo insolito a dizer que os unicos prelados portuguezes verdadeiramente no espirito de Deus são os tres prelados de Angra, do Funchal e de Gôa.

Nós tínhamos lido o artigo da *Nação* e

confessamos mesmo que no primeiro repente gostamos d'elle.

Compreende-se, de resto, a nossa ingenuidade. Como a *Nação* é geralmente considerada o periodico que mais entende d'esta coisa de bispos — especialidade em que somos completamente leigos — desde que ella affirmou que os unicos bispos bons eram os d'Angra, do Funchal e de Gôa, nós, na boa fé, appressámo-nos logo a tomar nota do documento, e cá ficamos com mais essa informação devidamente registrada para algum dia em que por acaso viessemos a ter precisão de bispos maus para nosso uso.

Mas o *Diario da Manhã*, o qual, pelo que se vê agora, é doutoraco n'esta materia, e conhece tão bem todos os bispos como nós outros conhecemos os nossos dêdos, o *Diario da Manhã*, que, segundo parece, estava calado e á coca, exactamente á espera de que lhe bolissem com os bispos, apenas a *Nação* disse que os unicos tres bispos com geito eram os do Funchal, d'Angra e de Gôa, ah! pae do ceu!

Nada menos de cinco columnas na primeira pagina do jornal ocupa a desanda tremenda applicada á *Nação* pelo *Diario da Manhã* d'hoje! E é preciso lêl-a toda, de

principio a fim, essa tunda, para ahi aprendermos a tristissima verdade de que não póde um homem hoje em dia fiar-se em ninguem.

Ficamos sabendo agora que os taes tres excellentissimos prelados com que a *Nação* nos queria espigar como afiançados, são precisamente os peiores de todos!

Prelados bons, segundo o *Diario da Manhã*, prelados desenganados, prelados que se podem dar a contento seja para onde fôr, restituindo-se o seu importe caso não agradem, são o bispo de Coimbra, o bispo de Evora e o arcebispo de Bragança.

O bispo de Coimbra, sim senhores! fallem-me no bispo de Coimbra! isso é que é fazenda.

Bispo de Bragança, bom bispo tambem: as ovelhas que o levarem irão tão bem servidas como levando o de Coimbra, ou melhor.

O arcebispo d'Evora igualmente se lhes garante a todos os respeitos: é gallinha!

Emquanto aos outros tres sujeitinhos recommendados da *Nação* diz o *Diario da Manhã* que elles não são outra coisa senão os *soldados do exercito das trevas*.

Tomo nota, e cá dou ordem que não es-



tou em casa para nenhum d'esses tres melros. Rua, que é a sala dos cães!

Para *soldados do exercito das trevas* bastam-nos os persevejos, escusa-se de bispos.

Supponham porém que o benemerito *Diario da Manhã* nos não prevenia e que eu, por exemplo, ovelha innocente posto que velha e mesmo já um pouco pellada no lombo—abria o meu seio incauto aos persevejos... quero dizer, aos bispos... da *Nação!*... Que tal estava a rascada, heim?

E vamos agora nós a outra coisa, que nos está a lembrar... Vamos nós agora que o proprio *Diario da Manhã*... — Não queremos melindrar ninguem, e pedimos ao *Diario da Manhã* que o não leve a mal pelo amor de Deus... Perguntamos apenas uma coisa: o homem é infallivel? Não é. Infallivel é unicamente o papa, o homem não. *Humanum est errare*... —

Vamos pois, como iamoz dizendo, que o mesmo *Diario da Manhã* não seja tão forte em escolher os bispos como a Vicencia o é em escolher os melões. Ha certeza absoluta de que este amavel confrade não possa incorrer no mesmo erro grosseiro e lastimabilissimo em que cahiu a *Nação?*...

Decididamente pedimos licença para ampliar um tanto mais as instrucções que ha pouco demos á nossa cosinheira:

—Gertrudes! não estou em casa para bispo nenhum.

\*

\*

\*

Todos os jornaes, exceptuada apenas a refalsada *Nação*, pedem ao governo que sem perda de tempo restitua as suas credenciaes ao nuncio.

O *Seculo* vae mais longe e acrescenta ser preciso que ao nosso representante junto ao Vaticano se enviem instrucções terminantes para impedir que monsenhor Masella receba n'esta occasião o barrete cardinalicio que lhe está promettido por Sua Santidade,

No *Seculo*, um jornal republicano e livre pensador, é talvez um pouco estranhavel a pretensão de influir com o seu voto sobre o momento mais propicio para cardinalisar Masella.

Se se tratasse simplesmente de cardinalisar um camarão — operação a que se procede cosendo-o — o parecer do *Seculo* junto da tia Pincha, encarregada de lhe confeccionar uma salada de mariscos, seria até certo ponto

admissivel e opportuno. Mas quando é o papa Leão XIII e não a propria tia Pincha que opera, cuida por ventura o *Seculo* que a coisa é a mesma, e que lhe basta bater na mesa com a ponteira da bengala para que a Curia Romana lhe sirva um cardeal ou para que lh'o não sirva?...

Oh! não.

Para intervir na distribuição dos barretes cardinalicios o *Seculo* tem exactamente os mesmos direitos que assistem ao papa para influir na distribuição dos barretes phrygios.

O partido republicano do Brazil impõe ás vezes solemnemente o barrete symbolico da Republica aos seus membros mais illustres. Ainda ha pouco o sympathico agitador Lopes Trovão recebeu no Rio de Janeiro, no momento de partir para a Europa, essa honrosa investidura, sendo-lhe adjudicado então um bello barrete de luxo, bordado a ouro de lei, com galões e borla de canotilho do mesmo vil e precioso metal.

Outro tanto — com algum ferro o dizemos mas sem canotilho algum — não temos nós que agradecer á obzequiosidade da mocidade avançada e generosa de Lisboa. O barrete phrygio do nosso uso pessoal, aquelle que nos cobre a fronte invejosa nos dias em que

embarcamos no Tejo para ir ao largo pescar o pargo ou a abrotida, adquirimol-o na Ribeira Velha por oito tostões e meio.

De lã e vermelho, do matiz radical denominado *rebenta-boi*, é com esse barrete carregado á banda sobre um olho, com o monoculo expectante da critica no outro olho, e com um nickler-bockar nas pernas, que o que traça estas regras se presa de ter servido a causa, já sobre as aguas do mar, já em terra firme, nas praias de banhos durante as estações balnearias, fazendo ranger de despeito higlico os dentes das instuições caducas, representadas nas villegiaturas maritimas pela musa do constitucionalismo D. Guimar Torresão, dama tão illustre em fins do seculo XIX quanto o foi Rosalia por meados do seculo XVII, segundo o affirma o mui culto Doutor Jardim... de S. Pedro d'Alcantara.

Se o *Seculo* segue porém as boas praticas do republicanismo brasileiro, presenteando alguma vez com barretes os personagens mais distinctos do seu partido, que diria o *Seculo* se, usando da reciprocidade de um direito que elle proprio reconhece, Sua Santidade o Papa lhe viesse dizer em tal conjuntura:

—Alto lá! não dêem isso a Trigueiros de Martel, que estou politico com esse sujeito por uma partida que elle me fez. Colloquem antes o barrete sobre a cabeça do martyr Gomes Leal, cabeça de genio e bem assim de turco, cabeça até hoje inteiramente despremiada, não constando que até agora tivesse ainda tido outra coisa, além da caspa propria, senão galos e brechas feitas pelos sócos monarchicos do inimigo.

\*

\* \*

Foi só no momento preciso a que escrevemos esta pagina depois de varios dias de estudo retroactivo atravez das declamações da imprensa, que emfim conseguimos — por um acaso — descóbrir os elementos do conflicto entre o governo portuguez e o representante de sua santidade em Lisboa.

Eis o caso:

\*

\* \*

Sua excellencia o nobre ministro da justiça, usando d'aquella apreciavel franqueza que tanto agrada entre amigos verdadeiros



e sinceros, mostrou a Sua Eminencia o nuncio a lista dos novos bispos que o governo se propunha nomear, pedindo ácerca d'elles a opinião do mesmo snr nuncio.

Sua Eminencia, usando por seu turno da mesma franqueza com que tão benevolmente fôra tratado pelo snr ministro, respondeu que achava pessimos alguns dos bispos propostos.

—Como assim!?!—volveu, acidulado e surpreso, o das justiças humanas. — Como cavalheiro que me preso de ser, eu dirijo-me amistosamente a Vossa Eminencia pedindo-lhe a sua opinião franca, desassombrada e sincera, e Vossa Eminencia, em vez de me dar a opinião que eu tão bisarramente lhe peço, dá-me pelo contrario a opinião precisamente opposta á que eu tenho!?!...

—Perdão...—interrompe o ecclesiastico — eu pensei que, desde que v. ex.<sup>a</sup> me consultava...

—Nada de sophismas, eminentissimo senhor!... Não me force Vossa Eminencia a ser um pouco mais acre e a ter de accrescentar: nada de cavilações! Não queira Vossa Eminencia levar-me ao desgosto acerbo de ter de recordar-lhe, que Vossa Eminencia se acha, mercê de Deus, no gremio de um

paiz livre e constitucional, onde o governo se não exerce por sophisticacões capciosas, antes versa sobre fórmulas parlamentares baseadas nas ficções mais engenhosas e mais lucidas. Uma d'essas ficções fundamentaes do systema que felizmente nos rege consiste no principio sagrado da discussão, da consulta e do voto. Para bem se comprehender toda a belleza d'este profundo principio cumpre observar — e para isto chamo particularmente a attenção de Vossa Eminencia — que, toda a vez que um estadista, chamado aos conselhos da corôa pela augusta confiança do principe, pede ácerca dos seus actos a opinião de qualquer dos poderes do Estado, a obrigação d'esses poderes, quaesquer que elles sejam, *quaesquer que elles sejam* — repito-o — é abundarem approvativamente e jubilosamente no sabio parecer do ministro preopinante. Assim o exigem as sabias praxes de longo tempo estabelecidas e firmadas no feliz e liberrimo governo da nação portugueza.

— Mas então, — obtemperou o sacerdote romano — o systema governativo, de cujo elencho V. Ex.<sup>a</sup> é tenor applaudido, vem a ser realmente a farça mais divertida (*la piu piacevole*) que se conhece!

O pundonoroso luso da pasta da justiça, apenas o roupeta lhe fallou em farça, meu amiguinho e snr, agora o vereis!

— *Farça!* bradou s. ex.<sup>a</sup> com o gesto nobre mais recommendado pela rhetorica para os grandes lances da indignação suprema. — *Farça!* O forasteiro ousa chamar *farça* ao sublime governo constitucional, monarchico-representativo da patria do fallecido marquez de Pombal! do chorado Santos e Silva! e do arrojado tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, cognominado por antonomasia o *Deus da Palavra!*... Cuidará então o snr, por acaso, que seja uma coisa séria a curia! mais o pontificado! mais a infallibilidade do papa! mais as indulgencias para ir para o ceu a trez vintens por cabeça! mais a bulla para misturar carne com peixe a palaco por familia! mais as dispensas, a tanto por incesto e a tanto por divorcio, para se casarem ou descasarem primos carnaes com primos carnaes, genros com sogros e bisnetos com bisavós!... Cuida o snr que ainda alguem toma a serio n'este mundo uma chirinola d'essas?! Uma das coisas com que os snrs nos andam sempre a massar é a sua famosa *vinha do senhor*: — *Vimos da vinha do senhor! Vamos para a vi-*

*nha do senhor! Trabalhamos na vinha do senhor!* Suppoem os snrs porventura que ainda ha no orbe taberneirõ, baiuqueiro, tasqueiro, ou bodegueiro convencido de que o senhor tem vinhas?! Os snrs intitulam-se a si mesmos *sal da terra*; ora vamos a saber uma coisa: os snrs estão effectivamente persuadidos de que são sal?... Vive o snr, por exemplo, na convicção profunda e inabalavel de que é medido ás razas pelos almotacés sempre que passa ás portas, e que paga 10 réis de direitos em alqueire sempre que penetra nas zonas fiscaes das deoces em que circula? Tem o snr, na sua qualidade de sal, a intima certeza de que lhe baste abraçar-se de arripio a uma pescada fresca para que essa pescada fique pronta para se deitar á panella com cebola e batatas?! No dito estado de sal, nutre o snr a austera e firme convicção professional de que lhe assiste o poder de resequir as hervas e de revivificar os espiritos?... Está o snr bem certo de que não tenha senão a sentar-se no bucho verde para que elle ganhe caruncho, ou a pôr a benta mão sobre os sermões de Garcia Diniz ou sobre os artigos da *Nação* para que essas producções litterarias cessem para logo de ser a mais ensosa

e a mais dissaborida coisa que Deus permitte a fazer aos seus ministros em toda a vastidão da crusta terrachea?! . . . E, então, com tudo isto, os snrs é que são os sérios, e nós é que havemos de ser os farçantes, heim?

Emquanto o ministro, arrebatado e fluente, proseguia no seu discurso, que não hesitamos um só momento em qualificar de sacrilego e de perverso, o pastor da Egreja, o procurador de Pedro, havia chamado a si o baculo que deixara atraz da porta do gabinete de s. ex.<sup>a</sup>, e experimentava-lhe a elasticidade da fibra, apoiando-se-lhe á cacheira e drobando-o e redobrando-o de ferção fixado ao solo.

\*

\*   \*

Até ahí chegam as nossas conjecturas formuladas sobre as informações dispersas que podemos recolher ácerca d'este memoravel incidente. D'esse ponto por deante ignoramos como é que os factos, precisamente se passaram. Lêmos porem no *Diario de Portugal* uma phrase reveladôra, que se nos figura perfeitamente clara e definitiva. Diz aquella auctorisada folha:



*O nuncio desacatou sua excellencia.*

Os boatos das secretarias esclarecem ainda mais essa affirmativa de um dos periodicos ministeriaes.

*Sua excellencia*—segredam as vozes familiares da burocracia — *apanhou um calor.*

\*

\* \*

Dilucidada assim a secreta verdade dos factos, entendemos que o snr nuncio andou admiravelmente bem. E não podemos de modo algum attingir as causas do geral descontentamento que invadiu os periodicos liberaes por occasião d'este jubiloso successo.

\*

\* \*

E' indispensavel que de uma vez e para todo o sempre a gente acabe de se compenetrar bem de uma coisa. E vem a ser: Que os governos não entendem, nem podem entender nada, pela palavra, acerca de bispos.

Os bispos — dizem-o todos os textos canonicos — são os pastores das almas, incum-

bidos pelo Espirito Santo de governar a Igreja de Deus. E' n'elles que reside a plenitude do sacerdocio, a posse inteira dos poderes confiados por Jesus Christo aos apóstolos. Elles não podem ser considerados senão como puros e legitimos delegados do chefe supremo da Igreja, por elle encarregados de manter a continuidade do sagrado ministerio, de presidir, de governar e de julgar em seu nome e em nome de Deus, de quem o papa é o representante visivel na terra.

Ora, se são effectivamente as ideias, os sentimentos, as aspirações, os interesses do Summo Pontifice e não os do snr Julio de Vilhena que os bispos teem de representar, de deffender e de servir, como é que querem, de boa fé e francamente, que seja o snr Julio de Vilhena e que não seja o papa quem escolha os individuos encarregados de semelhante missão?

\*

\* \*

Que os bispos saiam melhores ou saiam peiores, escolhidos pelo nuncio de Sua Santidade ou escolhidos pelo ministro de sua magestade fidelissima, que é que teem com isso

os jornalistas republicanos e livres pensadores?...

Pergunta-se uma coisa a estes jornalistas:

Foi para intervir nos mais perfeitos methodos de fazer padres, de dar ordens, ou de ministrar sacramentos, que suas excellencias se fizeram livres pensadores? Mas escusavam então de se incomodar para isso, prejudicando-se consideravelmente nos meios de acção de que para tal fim disporiam continuando a ser mesarios da freguezia das Chagas ou irmãos do Senhor dos Passos da parochia das Mercês!

Teem, por ventura, estes philosophos democraticas e materialistas pretensões secretas pependentes do governo das deoceses do reino?

Vejamos, sinceramente:

Os snrs querem chrismar-se? querem tomar prima-tonsuras ou subdiaconos? querem parochiar? querem dizer missas? querem cantar responsos? querem confessar mulheres?...

Se querem, digam-o! Desce-se um veu sobre a questão e não se torna mais a falar n'isso.

Se, pelo contrario, os snrs não pretendem coisa nenhuma dos bispados, que diabo então lhes importam, aos snrs, os bispos?

\*

\* \*

Parece-nos ouvir uma voz replicar-nos, dizendo :

— Mas ha um facto extra-ecclesiastico e extra-religioso que obriga os republicanos livres pensadores a tomarem interesse e fogo na questão dos bispados, e esse facto vem a ser que é o governo da nação quem paga os bispos.

Muito bem, voz! muitissimo bem! Quem paga os bispos é com effeito o governo. E é por essa razão que nós applaudimos com enthusiasmo o snr Nuncio, ao termos a grata noticia de que sua eminencia *desacatou* o governo: — para ver se o governo aprende a não ser tolo!

---

A corveta *Stephania* acaba de dar da sua incapacidade como instrumento beligerante o testemunho mais eloquente, mais triste e mais solemne.

Mandada á ilha da Madeira para o fim de resolver em favor do governo o empate de

uma eleição de deputado, a dita corveta de tal modo manobrou que a eleição de desempate recahiu em massa sobre o candidato republicano de opposição ao governo.

Considerada pelos poderes publicos como incapaz do real serviço, consta que este vaso de guerra vae ser aposentado e recolhido debaixo do leito do Arsenal na qualidade de vaso de paz.

Para substituir a *Stephania* nas campanhas navaes das futuras eleições pensa-se em mastrear em corveta o compadre Tavares. Para esse fim estão-se já colligindo nas estações competentes os mexilhões precisos para guarnecer a quilha d'este distincto cavalheiro.

Parabens a sua excellencia!

Agora invocamos a protecção dos anjos para que, com sua assistencia, passemos a narrar em resumido discurso e em florida linguagem, propria da alteza do assumpto, como foi que o milagre se deu no povo de Carnaxide.



Era por uma formosa tarde do calido mez de agosto. O astro do dia se inclinava ao occaso, onde o oceano parecia attrahil-o com as argentadas presas de suas ondas. Sobre a verde alfombra alvos cordeiros, conduzidos pelos zagaes, pasciam as tenras hervas, ao passo que no umbroso bosque o bando alado entoava os louvores do Eterno em doees e bem concertados gorgeios.

Debaixo de uma virente faia se achavam alguns camponezes dando alento ao fatigado corpo e discreteando em ameno convivio ácerca de seus bucolicos labores e bem assim da vida e prendas de Santa Rosa de Lima por ser esse o milagroso dia de tão prodigiosa santa.

Eis senão quando, volvendo os olhos, como que tocados por um presentimento divino, para o lado em que se acha a igreja parochial de Carnaxide, viram os ditos camponezes aproximar-se um vulto em tudo magestoso acima do narravel.

Com a mão direita se apoiava esse vulto a um bordão de peregrino, em quanto que com a mão esquerda ora comprimia a fronte pensativa coroada de um pastoril chapéu de palha, ora fazia um gesto cortez para o horisonte como que convidando o mesmo

vulto a proseguir na senda da vida em direcção á faia virente.

Conjecturaram os camponezes que fosse S. Basilio Magno, S. Pedro Nolasco ou S. Praxedes, e logo viram que não era Santo António — por não ter porco ao lado.

Junto da faia, aquelle que os camponezes haviam tomado de longe por Praxedes, collocou a mão sobre o coração e arremettendo com a fronte para as nuvens, exclamou:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena!

Era s. ex.<sup>a</sup> o snr Thomaz Ribeiro, ministro da poesia lyrica e dos negocios do reino.

Ao reconhecê-lo, os camponezes cahiram em gíolhos.

— Guarde-vos Deus, bons rusticos! — disse s. ex.<sup>a</sup> accomodando o stylo á rude e acanhada comprehensão do auditorio—E que a senhora Santa Rosa de Lima, que é hoje seu dia, vos tenha de sua bemdita mão!

E em seguida, descriminando a um por um os individuos no grupo campesino a que nos referimos, s. ex.<sup>a</sup> proseguiu continuando a exprimir-se em prosa:

—Que fizestes do vosso cordeiro favorito, ó Tityro?—Trazeis comvosco a vossa avena,

Melibeu? — Onde a vossa pastora Anarda, amigo Silvano?

Todos os camponezes se acercaram então de s. ex.<sup>a</sup>, ficando suspensos da facundia de seu labio, pois nunca jamais, nem na freguezia de Carnaxide nem em duas legoas em redondo, se ouvira tanta gentileza e amenidade de lingoagem como a que sahia em jorros da bôcca d'esse portentoso homem de penna e de governação.

Felizes e velozes devolviam as horas em pratica tão discreta quão matizada de piericos primores, quando s. ex.<sup>a</sup>, alongando a dextra n'um brando meneio para o pendôr da collina, perguntou:

—Que vetustas ruinas são aquellas que alem descortino alvejando na quebrada da serra?

E, como houvesse em resposta que essas ruinas eram a antiga igreja de Nossa Senhora Aparecida,

—Corramos prestes ao templo! — bradou s. ex.<sup>a</sup> — Dirijamo-nos pressurosos a elevar nossas preces e a depôr nossas modestas offerendas no altar d'essa Virgem Senhora Nossa que tão galhardamente denominaes *Aparecida*! Vinde, Silvano! Vinde Melibeu! Tityro, Aleixo, Frondelio, Belmiro e Casta-

lio! Vinde todos, ó pastores! Eia!... Ao templo! ao templo!...

Os pastores, então, plangentes e lacrimosos, explicaram voz em grita que Nossa Senhora Aparecida de longo tempo desapparecera. Mão impia de infames governos despoticos a arrebatara do seu templo de Carnaxide para a transportar para a Sé no meio da indignação geral dos povos e das patronas minazes da real melicia. De sorte que, já no tempo em que o feroz usurpador do throno de Lysia se apegára com a Senhora Aparecida para sarar da perna que quebrou ao ir a quatro soltas de Queluz para Caci-lhas, no logar do Moinho de Cavallinhos, cantavam os cegos na via publica:

D. Miguel foi á Sé,  
Sentou-se n'uma cadeira,  
E disse para os malhados:  
Esta perna está inteira!

Ao ouvir taes vozes, já soltas, já metre-ficadas, s. ex.<sup>a</sup> extrahiui a lyra que trazia ao tiracollo em um sacco, juntamente com a pasta da publica governação, e sobre o mavioso instrumento jurou que antes que a casta Phebe voltasse por seis vezes a sorrir do ceu ao terno Endymion, ou — por outra — que dentro de seis mezes contados, a mila-

grosa imagem de Nossa Senhora Aparecida volveria da Sé a Carnaxide, reaparecendo pela segunda vez aos povos em todo o esplendor do seu excelso vulto.

Vendo os camponeses que por meio de um tão manifesto e prodigioso milagre assim lhes era restituída sua Senhora, outra vez cahiram submissos em gíolhos.

E foi só depois de s. ex.<sup>a</sup> se haver retirado pela mesma vereda por onde viera; foi depois de lhe terem ouvido ao longe e pela derradeira vez repetir aos montes e ás hervinhas:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena!

que os camponeses, reunidos em honesto convívio sob a faia, regressaram a suas pousadas, tangendo alegres tibias e entoando lóas festivaes em honra d'aquelle que tão grande capricho punha em lhes restituir a Senhora Aparecida quão grande era a pena que alimentava em seus carmes de nunca ter visto Lisboa.

Gloria pois a s. ex.<sup>a</sup>!

Outrora o portuguez de volta do Brazil, com fortuna, com papagaios e com pedras no peito da camisa e na bexiga, comprava invariavelmente, ao desembarcar, um acom-



menda, dois cães de faiança e um bilhete da imperial na malaposta de Braga. Depois do quê, passava a usufruir n'uma quinta minhota o producto do seu trabalho d'emigrante, representado em molestias sedentarias, em graças regias e em quadrupedes de louça.

A patria explorava-o e ria-se d'elle.

Agora chega do Rio de Janeiro o sr. Eduardo de Lemos, sem pedras e sem papagaios, posto que com fortuna, e, segundo lemos no *Diario do Governo*, elle não só não paga mas resigna uma commenda com que o agraciou a regia munificencia.

Tomemos nota do phenomeno, porque elle é o symptoma de uma revolução profunda; elle é o *Emfim Malherbe* veio da historia dos commendadores e dos cães,—vertebrados da olaria nacional e do grosso commercio estrangeiro.

Que o nosso velho mundo decrepito e tremelicante se prepare para o embate hostil e tremendo do novo poder revolucionario que se annuncia! Atraz de Eduardo de Lemos ha no Brazil uma legião inteira, intelligente, instruida e forte, que vae chegar — para se rir.

Lisboa 15 de dezembro de 1882.

*Ramalho Ortigão.*

# EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

Director-proprietario, A. de Souza Pinto

140, RUA DOS CORREIROS, 1.º — LISBOA

OBRAS PUBLICADAS

## AS RAÇAS HUMANAS

POR LOUIS FIGUIER

OBRA ILLUSTRADA COM GRAVURAS

Um volume de 650 paginas, lindamente encadernado em chagrín e panno, dourado pela folha, 3\$600; brochado. . . 3\$000

## A' VOLTA DO MUNDO

JORNAL DE VIAGENS E ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

O 1.º volume, contendo 138 gravuras, nitidamente impresso, bom papel, typo novo, etc., lindamente encadernado e dourado pela folha, 4\$000; encadernado em percaline, 3\$500; brochado . . . . . 2\$500

## NO PRELO

### OS GRANDES MALES

E OS

### GRANDES REMEDIOS

TRATADO COMPLETO DAS DOENÇAS QUE FLAGELLAM O GENERO HUMANO,  
E OS MEIOS MAIS RACIONAES DE AS PREVENIR E COMBATER

PELO

DR. J. RENGADE

Esta importantissima obra é dividida em 45 cadernetas contendo 16 paginas e 2 chromos impressos em separado ao preço de 100 réis cada caderneta. — A publicação começa em fevereiro.

## O HOMEM PRIMITIVO

POR LOUIS FIGUIER

Obra illustrada com 296 gravuras

Esta importante publicação, nitidamente impressa em bom papel, começará brevemente a ser distribuida aos srs. assignantes.